

SET-OUT DE 2015

# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 12,68



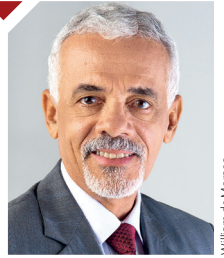
## O PASTOR DOS SONHOS DA IGREJA

**A ARTE DA  
NEGLIGÊNCIA  
ESTRATÉGICA**

Ela beneficiará seu  
trabalho e sua família

**COMO DESFRUTAR  
O MÁXIMO DA  
VOCAÇÃO PASTORAL**

# Não se esqueça de ser pastor



William de Moraes

O extraordinário progresso da ciência com seu conforto e facilidades resultantes, as mudanças radicais experimentadas no mundo e na sociedade, o relativismo de valores e a impactante influência disso na conduta humana são realidades que aparentemente tornam descartável, para muitas pessoas, a figura do pastor. Acaso, estariam elas corretas?

Ainda nos anos 1940, o pastor Roy Allan Anderson, então secretário ministerial da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, escreveu: “Estes são dias de rápido movimento. Tudo se mede pela velocidade. E se alguém tropeça e cai, antes de poder vir o auxílio ele é pisado pela multidão que surge. O homem se encontra sem lar, em meio a uma floresta de máquinas e forças incontroladas, e milhões cogitam se vale a pena viver. Outros, procurando aliviar sua miséria, estão afundando na corrente da vida diante da música monótona. Não sabem para onde se dirigem e julgam que ninguém se importa com isso. Tais condições exigem pastores – fortes, sábios e bondosos, que possam simpatizar com as fraquezas do coração humano, e amar, pastores que não estejam tão ocupados que não possam gastar tempo deslindando problemas individuais e da comunidade. Por todas as partes há lares despedaçados e corações feridos. E estes exigem o cuidado de um pastor” (*O Pastor-Evangelista*, p. 480, 481).

Considerando que o coração humano é sempre o mesmo, a diagnose do problema e sua correspondente receita ainda são plenamente válidos. “Pastores eloquentes, organizadores minuciosos, e ocupados executivos, todos têm seu lugar na igreja de Deus, mas o rebanho cresce na graça e na piedade sob o delicado toque do pastor”, acrescenta Anderson. Um dos fatos mais elementares do ministério pastoral é que o exercício dele tem como objetivo primeiro o ser humano, a pessoa. Tudo o mais que ocupa nosso tempo e exige nossas energias não passa de caminhos para que cheguemos ao coração da pessoa, sem considerá-la apenas um item numérico para alcançar metas estatísticas de crescimento da igreja, mas a fim de plantar nesse coração o Salvador.



**Pastores eloquentes, organizadores minuciosos, e ocupados executivos, todos têm lugar na igreja de Deus, mas o rebanho cresce na graça e na piedade sob o delicado toque do pastor”**

Quais ovelhas sem direção, as pessoas necessitam de um pastor que as conduza ao redil de Deus e aí as mantenha em segurança. Nas Escrituras, Deus, o Pai, e Jesus Cristo, Seu Filho, são descritos como pastores (Sl 23; Jo 10:11). E aqueles que são agraciados com o dom de pastorear são subpastores (Jr 3:15; 23:4; 10:21; 23:2; Ez 34:2, 7, 8). Depois de haver negado três vezes seu Mestre, e igualmente por três vezes reafirmado seu amor por Ele, Pedro foi restaurado a seu lugar no ministério de Jesus. Esta foi a incumbência imediatamente recebida: “Apascenta os Meus cordeiros... Pastoreia as Minhas ovelhas... Apascenta as Minhas ovelhas” (Jo 21:15-17).

O apóstolo entendeu perfeitamente o apelo. Seu ministério o atesta. Não é de admirar que, posteriormente, ele tenha aconselhado: “Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda coparticipante da glória que há de ser revelada: Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor Se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória” (1Pe 5:1-4).

A beleza da vocação ministerial, entretanto, não a torna mais fácil de ser exercida. Mas, em comunhão com o Supremo Pastor, os subpastores adquirem poder e sabedoria para o desempenho por Ele idealizado. Quando a ovelha geme de dor ou por luto, ela quer ver ao seu lado o pastor. Quando ela sorri no casamento, nascimento de um bebê, ou qualquer outra conquista, espera ver o sorriso recíproco do pastor. Nos descaminhos e encruzilhadas da vida, ela precisa do conselho do pastor. E ele ainda tem que administrar, evangelizar, plantar igrejas. Deve inspirar, motivar, treinar e capacitar a igreja para a missão. Priorize. Delegue. Mas não se permita esquecer de ser pastor, no mais abrangente significado da palavra. Muito menos se esqueça da sua família. **M**

**Zinaldo A. Santos**



- 8 Carta a um jovem pastor**  
Veja os conselhos que um filho pastor recebeu da mãe.
- 10 O adventismo e a nova antropologia**  
*Marcos Blanco*  
Os desafios e a grande oportunidade para a teologia adventista.
- 13 O pastor dos sonhos da igreja**  
*Ellen G. White*  
Características do pastor, segundo Ellen G. White.
- 16 A arte da negligência estratégica**  
*Willie e Elaine Oliver*  
Limites que levam à excelência ministerial.
- 20 Um caminho para o líder cristão**  
*Larry Yeagley*  
Autor propõe um modelo de liderança que está na contramão do mundo.
- 22 Desfrute sua vocação**  
*Omar Miranda*  
Relembre nove princípios que evitam o colapso pastoral.
- 24 Conforto para destinatários sofredores**  
*Norman H. Young*  
Estudo minucioso da epístola aos hebreus.
- 27 A igreja em tempos de crise**  
*Flávio Pereira S. Filho*  
Os adventistas em meio a conflitos nacionais e internacionais.

- 2** Editorial
- 4** Entrelinhas
- 5** Entrevista
- 30** AFAM
- 32** Mural
- 34** Recursos
- 35** Ponto final

## Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 87 – Número 520 – Set/Out 2015  
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

### Editor

Zinaldo A. Santos

### Editor Associado

Márcio Nastrini

### Assistente de Editoria

Lenice F. Santos

### Projeto Gráfico

Levi Gruber

### Capa

William de Moraes

### Colaboradores Especiais

Carlos Hein; Herbert Boger; Jerry Page; Derek Morris

### Colaboradores

Antônio Moreira; Cícero Gama; Cláudio Leal; Edilson Valiante; Edinson Vasquez; Eliezer Júnior; Enzo Chaves; Eufrazio Quispe; Fabian Marcos; Geovane Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Mitchel Urbano; Nelson Filho; Pablo C. Garcia; Waldony Fiúza

### Ministério na Internet

[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)  
[www.dsa.org.br/revistaelministerio](http://www.dsa.org.br/revistaelministerio)  
Redação: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)

Todo artigo, ou correspondência, para a revista Ministério deve ser enviado para o seguinte endereço:  
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF



**CASA  
PUBLICADORA  
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34  
18270-970 – Tatuí, SP

### Diretor-Geral

José Carlos de Lima

### Diretor Financeiro

Edson Erthal de Medeiros

### Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

### Redator-Chefe Associado

Vanderlei Dorneles

### Chefe de Arte

Marcelo de Souza

### SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06  
Segunda a quinta, das 8h às 20h  
Sexta, das 7h30 às 15h45  
Domingo, das 8h30 às 14h  
Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)  
E-mail: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

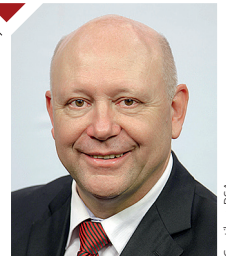
Assinatura: R\$ 61,60  
Exemplar Avulso: R\$ 12,68



Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5960 / 33199



Gentileza DSA

# A filosofia do cenáculo

Se eu pudesse escolher um presente para receber no “Dia do Pastor”, escolheria ter o privilégio de ser mais semelhante a Jesus. Estou seguro de que você concorda comigo na opinião de que o egoísmo desenfreado deixou de ser vergonhoso em nossos dias. A agressiva autopromoção com o objetivo de obter vantagens é considerada virtude. Temos ouvido com insistência: “Seja o primeiro!” “Faça valer seus direitos!” “O importante é chegar ao topo; não importam os meios!” Lamentavelmente, nós pastores não estamos livres desse grande mal. Acaso existe cura para ele?

Ken McFarland, em seu comentário sobre o Evangelho de João, diz que o melhor remédio é investir tempo para pensar no que aconteceu no cenáculo, no ano 31 d.C. Naquela quinta-feira à tarde, treze homens estavam ali reunidos, sob uma atmosfera carregada de tensão. O líder do grupo, conforme acreditavam os outros doze, estava prestes a assumir o trono. E cada um deles estava decidido a ocupar o melhor posto quando o novo reino fosse estabelecido. A mãe de dois entre eles já se havia atrevido a pedir que os filhos ocupassem as melhores funções na administração; obviamente, para desgosto dos demais. Cada um deles, silenciosamente, comparava-se aos outros e se sentia convencido de ser o mais capacitado.

Você e eu também estávamos ali... Professamos ser seguidores do Rei, de modo que tomamos lugar junto ao grupo àquela mesa e tratamos de ignorar nosso dever. Procuramos por todos os meios ignorar o fato evidente de que há um trabalho a ser feito. Reunimo-nos para comer. Em tais ocasiões, um servo devia lavar o pó dos nossos pés. Porém, entre nós talvez não haja servos. Outro deve fazer esse trabalho. Quem?

Evidentemente, se você deseja ser primeiro-ministro de um governo, não convém que seja visto fazendo o trabalho de um servo. Soberanos não sujam as mãos. Se alguém vai ocupar um posto elevado na hierarquia do palácio, fazer o trabalho típico de um escravo, nem pensar! Ter que se ajoelhar e lavar os pés empoeirados e suados de onze homens que não têm nem a

décima parte de sua capacidade, nem do seu nível, é inimaginável!

Continuamos esperando, e a situação se torna incômoda. Então, alguém se move. Detém-se diante da vasilha com água e pega uma toalha. Você e eu temos curiosidade de ver quem, finalmente, resolveu admitir não pertencer à linhagem especial. De repente, sentimos tomados de surpresa e vergonha! ... Vejam só, não é outro senão o nosso Rei! Sem dizer uma palavra, Ele Se ajoelha diante de nós e lava nossos pés, um a um. Mudos de assombro, enrubescidos de vergonha, observamos enquanto Ele Se move silenciosamente em Sua tarefa.

Acaso você já notou que esta filosofia, a filosofia do cenáculo, contradiz a filosofia que hoje é aceita? “Dá a outra face...”; “cede o primeiro lugar a outro...” são princípios destoantes do que acontece na vida real. E quem for tão ingênuo para adotá-los seriamente não irá muito longe. Basta lembrar do que aconteceu a Jesus.

Porém, permita-me dizer que a filosofia do mundo não é sábia. Hoje, a humildade pode causar ridículo, e até mesmo violenta oposição, ao passo que a exaltação própria é altamente estimada. Mas, no fim, o orgulho se transformará em montanha de cinzas e a humildade será exaltada universalmente.

Está você cansado do esforço exigido na defesa de sua reputação e de seus direitos? Está cansado de lutar para ficar sempre bem? Deseja se livrar dessa doença miserável? O único remédio é passar o máximo de tempo contemplando a assombrosa humildade de Jesus Cristo. É impossível estudar Sua vida e Seu caráter, sem desenvolver o intenso desejo de ser como Ele.

Se existe algo que precisamos mais do que qualquer outra coisa, é passar mais tempo no cenáculo, onde nosso Rei alcança o verdadeiro nível de Sua grandeza diante de nós, e lava não apenas o pó de nossos pés, mas também o orgulho de nosso coração.

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Fp 2:5). **TM**

“  
O único remédio contra o orgulho é passar o máximo de tempo contemplando a assombrosa humildade de Jesus Cristo. É impossível estudar Sua vida e Seu caráter, sem desenvolver o intenso desejo de ser como Ele”

**Carlos Hein**

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana



# A mensageira do Senhor

**“A maior relevância dos escritos de Ellen G. White está no propósito que ela mesma conferiu ao seu ministério: uma luz menor para guiar à luz maior, a Bíblia”**

por **Márcio Nastrini**

O pastor Jean Carlos Zukowski é paulista, adventista de terceira geração em sua família. Graduou-se em Teologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp, campus São Paulo, em 1988. Pastoreou igrejas, atuou como diretor assistente do Departamento de Jovens na Associação Paulista Central. É doutor em Teologia pela Universidade Andrews, Estados Unidos, onde também lecionou. Atualmente, ele é professor da Faculdade Adventista de Teologia, no Unasp, campus Engenheiro Coelho. Casado com a professora e especialista em aconselhamento, Iracéli, tem uma filha: Karoline. A maior parte de seus 27 anos de ministério foi dedicada ao ensino, no qual se realiza como um mentor daqueles que serão os futuros arautos da proclamação do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

***O XI Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano, realizado entre os dias 31 de abril a 5 de maio, no Unasp, teve como tema: “Ellen G. White: Vida e Ministério”. Fale um pouco sobre ele.***

O Simpósio Bíblico-Teológico é um programa da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia realizado a cada dois anos. Esse tema foi escolhido devido ao centenário da morte de Ellen G. White (faleceu em 16 de julho de 1915) e para lembrar a importância do chamado de Deus a ela. Sendo que esse tema é bem peculiar ao adventismo, e tem sido estudado durante toda a sua história, o simpósio procurou colocar em perspectiva a relevância do ministério de Ellen G. White no contexto atual da Igreja Adventista. Os trabalhos do simpósio foram divididos em cinco áreas: (1) Vida e obras de Ellen G. White; (2) Ellen G. White e o Estilo de Vida Adventista; (3) Ellen G. White e as Crises do Adventismo; (4) Ellen G. White e a Perspectiva Bíblico-Profética Adventista; e



gentileza do entrevistado

(5) Ellen G. White e Temas Emergentes (problemáticas e desafios quanto ao *profetismo* no contexto atual). Para conduzir os trabalhos e a apresentação dos temas foram convidados líderes dos Centros de Pesquisas de Ellen G. White dos Estados Unidos e da América do Sul, bem como doutores e acadêmicos do Instituto Bíblico de Pesquisa da Associação Geral e das universidades adventistas da América do Sul e do Norte.

***A inspiração de Ellen G. White equi-para-se ao mesmo nível dos profetas bíblicos?***

Deus usa diferentes maneiras para Se comunicar com o ser humano. Ele Se revela por meio da natureza e da consciência humana. Também Se revelou por intermédio das teofanias, de anjos, sonhos e visões. De maneira especial Ele usou escritores e profetas para nos trazer Sua Palavra, e Jesus, a revelação expressa do Pai. As mensagens divinas reveladas aos profetas eram posteriormente transmitidas, por eles, de

forma verbal, escrita ou dramatizada, processo conhecido como inspiração. Alguns estudiosos defendem a teoria da inspiração verbal. Ou seja, o profeta apenas escreveu aquilo que Deus ditou. Na inspiração verbal, o profeta não teve nenhum controle sobre o que escreveu, não exercendo sua cognição no processo da transmissão da mensagem recebida. Uma análise cuidadosa da Bíblia demonstra que alguns autores usaram fontes externas na composição de seus livros. Por exemplo, o evangelho de Lucas. Outro ponto que inviabiliza a inspiração verbal é a existência de diferentes estilos literários e erros gramaticais na Bíblia. Se Deus tivesse ditado o conteúdo aos profetas e escritores de Sua Palavra, haveria sempre um mesmo estilo e nenhum erro. Esses fatos indicam que na inspiração bíblica, o profeta exercia a cognição e a vontade quando transmitia, de forma escrita ou falada, o produto da revelação. O processo da inspiração envolve a união do divino com o humano. Nela o profeta trabalha de forma dinâmica, sendo dirigido pelo Espírito na escolha das palavras para transmitir a revelação. Essa teoria é conhecida como inspiração plenária ou do pensamento. Será, então, que existe uma diferença de inspiração entre os profetas canônicos e não canônicos? A resposta a essa pergunta é não. Elias é exemplo de um profeta não canônico, considerado na Bíblia como um dos maiores profetas. Seria a inspiração de Elias inferior à de Moisés porque Moisés é um autor bíblico? Não. O Espírito inspira de forma igual o profeta canônico e o não canônico, não há diferença no processo de inspiração. A diferença está na função e no propósito. Se o Espírito chama alguém para o ministério profético, este deve ser julgado pela Bíblia e tudo aquilo que ele fala deve estar em conformidade com as Escrituras. Ele pode, todavia, ampliar o entendimento de um princípio bíblico, clarificando-o para o tempo e lugar em

que vive. Sendo assim, como Ellen G. White está em conformidade com todos os requisitos bíblicos exigidos para ser um profeta (profetisa), sua inspiração está no mesmo nível dos escritores e profetas da Bíblia. No entanto, ela não foi chamada para estabelecer novos princípios ou regras que não estejam presentes na Bíblia.

***Plágio é uma das acusações mais recorrentes à pessoa de Ellen G. White como escritora. Que provas ou argumentos refutam a isso?***

**“O Espírito inspira de forma igual o profeta canônico e o não canônico, não há diferença no processo de inspiração. A diferença está na função e no propósito. Se o Espírito chama alguém para o ministério profético, este deve ser julgado pela Bíblia”**

Por definição, plágio é se apropriar da produção literária de alguém sem lhe dar o devido crédito. O plagiador omite de quem ele obteve seu material. No caso de Ellen G. White, ela afirma ter usado materiais de outros autores e os recomenda aos seus leitores. Atitude incomum para quem quer fazer plágio. Na introdução do livro *O Grande Conflito*, ela diz que muitos autores descreveram de forma primorosa aquilo que ela tinha visto em visão e ela usou seus escritos na obra citando parte de frases ou frases inteiras, e deu o devido crédito. Em alguns casos, porém, ela afirma que usou frases de

outros autores por essas descreverem propriamente aquilo que ela tinha visto em visão, mas não citou o autor para que o leitor não tivesse a impressão de que a fonte da informação fosse o autor em questão. Ela queria deixar claro que a informação ali descrita era de origem divina. A quantidade de material de outros autores em seus escritos não ultrapassa 2%, e o uso de autores sem referência é menor do que 1%. O advogado norte-americano, Vincent L. Ramik, especialista em direitos autorais e questões que envolvem plágio, analisou por oito anos

todos os escritos de Ellen G. White e as críticas sobre plágio direcionadas a esse material. Em seu relatório final de 27 páginas ele concluiu que ela não fez plágio e esteve dentro dos limites do uso normal para sua época. Concluiu também, que o uso de outros autores não constitui fraude ou intensão de suplantando o trabalho de nenhum outro autor da sua época, bem como seguindo as leis atuais. Esse relatório pode ser encontrado no site do White Estate: <http://www.whiteestate.org/issues/ramik.html>.

***Considerando que sua inspiração foi dinâmica, em sua quase totalidade, e verbal, em uma minoria, podemos admitir, então, que há erros “periféricos” em seus escritos?***

Ao escrever, cada profeta usou seu conhecimento literário e científico. O estilo literário, bem como ortográfico, não é o de Deus. Deus não transformou o pescador Pedro no acadêmico Paulo. O estilo de Paulo é mais elaborado que o de Pedro. Essas diferenças não tiram dos escritos a autoridade divina contida na mensagem que está sendo transmitida. Há certas declarações de cunho científico que representam o conhecimento da época do profeta, e hoje podem não estar em conformidade com a verdade científica atual, a qual pode também ser outra daqui a alguns anos. Sendo que a Bíblia e os escritos de Ellen G.

White se propõem a apresentar mensagens que auxiliam o ser humano a alcançar a vida eterna, neles podem ser encontrados erros periféricos literários e científicos que não interferem no propósito pelos quais os eles foram escritos.

### **Por que nem tudo o que Ellen G. White escreveu foi publicado?**

As publicações dos escritos de Ellen White ocorreram da seguinte maneira: Ela escreveu livros inteiros como *O Desejado de Todas as Nações*, *O Grande Conflito*, *Caminho a Cristo*, por exemplo. Uma coleção de seus testemunhos para a igreja foi editada num total de nove volumes. Ela também enviou muitos artigos e descrições de suas visões para serem publicados em diferentes revistas da comunidade adventista da época. Durante sua vida, foram organizadas compilações de seus escritos em forma temática e publicadas como livros. Ela escreveu muitas cartas das quais mantinha consigo uma cópia, ao enviá-las. Algumas dessas cartas foram publicadas em compilações posteriores à sua morte. Todavia, muitas delas nunca foram publicadas, embora estejam disponíveis para pesquisa. O White Estate planeja ter em seu site, até o fim deste ano, todos os escritos dela disponíveis.

### **Como devemos interpretar e aplicar suas mensagens?**

Basicamente, devemos usar os mesmos princípios hermenêuticos aplicados à Bíblia. Identificar qual o tema central do texto em questão. Analisar o contexto imediato no qual ele foi inserido. Verificar se ela falou sobre o mesmo tema em outros lugares e qual o contexto da citação. Para quem ele foi escrito? Qual era o objetivo? Ao fazer a aplicação do texto, precisamos lembrar que as mensagens do Espírito de Profecia são primeiramente mensagens para mim, não leia pensando nos outros. Finalmente, não devemos usar os escritos

de Ellen G. White para “elaborar ou construir”, particularmente, novas doutrinas.

### **Que orientações podemos encontrar nos escritos de Ellen G. White, sobre os debates atuais em questão como homofobia, racismo, movimentos feministas, entre outros assuntos?**


Assim como na Bíblia, podemos encontrar nos escritos de Ellen G. White princípios para os problemas contemporâneos mencionados, embora ela não tenha escrito nenhum artigo ou livro específico

**“Ellen G. White está em conformidade com todos os requisitos bíblicos exigidos para ser um profeta (profetisa). Sua inspiração está no mesmo nível dos escritores e profetas da Bíblia. Mas ela não foi chamada para estabelecer novos princípios ou regras que não estejam presentes nas Escrituras”**

a respeito. No entanto, é interessante observar que temas contemporâneos, quando analisados à luz de seus escritos, apresentam ideias revolucionárias para sua época. Em uma das palestras do simpósio, o doutor Nicholas Miller, apresentou como o conceito de Ellen G. White sobre direitos civis a guiou em seu ativismo social. Ela defendia os direitos fundamentais de igualdade para todos dentro de um contexto de liberdade e responsabilidade. Todos fomos criados iguais perante Deus, portanto, nenhum ser

humano deve igualmente exercer controle sobre outros nem julgá-los. Ela alerta que a liberdade separada dos princípios divinos se torna grande fardo e desgraça para a sociedade. Os princípios apresentados por ela em seus escritos nos proporcionam um guia seguro de como enfrentar qualquer movimento social atual em defesa de direitos das minorias. Ellen G. White fez isso, por exemplo, numa sociedade que defendia a abolição da escravatura e não pensava que negros e brancos fossem iguais. Ela defendia que todos são iguais perante Deus, que a abolição não era suficiente, que os brancos tinham uma dívida para com a raça negra e deveriam proporcionar educação e oportunidades iguais de emprego, para que eles pudessem ter uma vida digna.

### **Quais são as conclusões ou eventuais novidades resultantes do Simpósio? Quais os pontos importantes da Declaração de Consenso?**

O simpósio reafirmou a importância do dom profético no meio adventista e para o povo remanescente. Ele apresentou como os escritos de Ellen G. White são relevantes hoje para o preparo do povo de Deus tendo em vista a volta de Jesus, e também como eles apresentam princípios que norteiam a vida do cristão diante dos desafios da sociedade contemporânea. Um ponto importante da Declaração de Consenso é a importância dos escritos de Ellen G. White na tomada de decisões tanto da igreja como do indivíduo, como uma luz vinda de Deus para Seu povo neste tempo. Creio que a maior relevância dos escritos de Ellen G. White está no propósito que ela mesma conferiu ao seu ministério: uma luz menor para guiar à luz maior, a Bíblia. Um auxílio no preparo de um povo para se encontrar com seu Deus e estar em pé no dia de Sua vinda, discernindo os enganos do inimigo para este tempo. 



# Carta a um jovem pastor

Meu querido filho:

*Em pouco tempo, você estará nas fileiras ministeriais, atividade vista por alguns com temor, fonte de problemas. Isso não é novo; Paulo reconheceu que a juventude de Timóteo poderia levar outros a desprezá-lo (1Tm 4:12).*

*Pessoalmente, vejo sua geração como a esperança da igreja. Seu preparo ministerial foi excelente. Você esteve envolvido em todos os tipos de práticas pastorais, além de ter estudado grego e hebraico, teologia e homilética. Penso especialmente na campanha evangelística da qual você participou durante seu período de estudos. Você dormiu no chão, caminhou, ministrou estudos bíblicos, ajudou a preparar o auditório e cuidou da música. Quando alguns dos seus alunos foram batizados, você vibrou!*

*Nesta carta, não vou lembrá-lo de como deve pregar e ministrar estudos bíblicos. Isso você sabe. Falarei apenas de três assuntos: sua vida espiritual, o exercício do seu ministério e a edificação de uma igreja viva.*

## Vida espiritual

*De todas as coisas, quero que você, como jovem pastor, seja um homem de oração e estudo da Bíblia. Separe tempo cada dia, preferivelmente em sua primeira hora da manhã, para aprofundar e enriquecer sua amizade com Jesus e absorver a verdade de Sua Palavra. Planeje seu dia em função desse tempo sagrado. Não deixe que nada interfira. Sem a força obtida numa rica experiência devocional, você não será capaz de administrar com êxito as complexidades do ministério. Sem estar alicerçado na Palavra de Deus, você pode facilmente se perder no que Paulo*

*chamou de “loquacidade frívola” (1Tm 1:6). Uma vida devocional sólida, disciplinada, ajudará você a combater o bom combate, conservar “boa consciência” e evitar o naufrágio da fé (v. 18, 19).*

*Em algum ponto de seu estudo da Bíblia, você poderá descobrir o que parece ser uma nova gema da verdade. Se essa ideia nova enriquecer o que você já sabe, dê graças a Deus por haver compartilhado de Seu vasto tesouro. Pregue-a, fale dela sem temor. Entretanto, se a nova descoberta conflitar com uma visão geralmente aceita, estude-a muito cuidadosamente. Então, antes de começar a pregar sobre ela, consulte pastores experientes. Se esses fiéis da velha geração não forem convencidos de sua nova luz, aceite o veredito deles e volte à Palavra. Se numa segunda tentativa você não convencer os líderes, pode ser que você esteja errado. Se Deus revela a você uma gema da verdade e não impressiona outros quanto à sua validade, isso é estranho. Ou talvez ainda não tenha chegado o tempo certo. Lembre-se: nossa força como igreja se deve ao fato de marcharmos juntos, sob Cristo, como Ele orou (Jo 17:21-23).*

*Ao dar esse conselho, não estou pensando tanto na preservação do seu trabalho, mas em seu crescimento espiritual. Esse crescimento pode habilitá-lo a cuidar do rebanho que Deus lhe confiou.*

*Falando de seu ministério, lembro que você está se tornando um construtor, não de uma estrutura, mas de uma comunidade amorosa e viva de crentes. Você aumentará sua congregação como parte da família de Deus na Terra.*

*Estou certa de que você se lembra dos irmãos e irmãs que vinham de bom grado*

*ao velho prédio com telhado cheio de goiteiras onde nos reuníamos. Eles vinham no sábado pela manhã, voltavam para almoçar, faziam trabalho missionário à tarde e vinham para a reunião dos jovens, não raro trazendo visitantes. Também ficavam para o encontro social da noite. Voltavam no domingo para ajudar a consertar o templo, após o que os rapazes jogavam futebol. Na quarta-feira, até as crianças vinham para o culto de oração e para ouvir o capítulo de uma história contada em série. Para aqueles irmãos ir à igreja significava muito. A igreja era o centro de sua vida intelectual, social e espiritual.*

*Como você pode tornar a igreja o centro da vida das pessoas? Primeiramente, satisfazendo as necessidades espirituais delas. Seus sermões, preparados com oração, e sempre relacionados à vida delas, alimentarão o rebanho. Raramente há na igreja apenas um tipo de pessoas; assim, você tem que fazer provisão para diferentes níveis de compreensão espiritual. Tudo o que você pregar deve ser tão simples que o iletrado possa ser beneficiado, e tão profundo que o erudito possa saborear o que você diz. Por meio de sua pregação, eles aprenderão a estudar e entender a Bíblia por eles mesmos.*

*Os membros da igreja também necessitam compartilhar seu conhecimento e experiência com outros. Você precisa ensiná-los a compartilhar informalmente, ou em estudos bíblicos estruturados. Não pressuponha que eles sejam capazes de fazer isso, simplesmente porque têm o coração transbordando amor por Deus.*

*Pregar não é tudo. Você também precisa ser professor. Ensine os membros da igreja a estudar a Bíblia e a compartilhar*

o conhecimento obtido com outros. Você pode ajudá-los a se desenvolver socialmente. Para isso, eles também necessitam da força espiritual de suas visitas nos lares, de suas orações com eles e por eles, especialmente em tempos de emergência. Isso vai juntamente com as necessidades que têm de companheirismo.

No mundo ocidental de hoje, pode parecer desnecessário que as pessoas preencham suas necessidades sociais na igreja. Porém, a comunhão em pequenos grupos ajuda a igreja a crescer. Normalmente, há muitos grupos, especialmente quando há pessoas de afinidades diferentes. Esses grupos atuam eficientemente em um modo independente, mas quando se reúnem, esse encontro se torna como uma reunião familiar, e você sabe quão divertido é isso.

Os jovens necessitam fazer coisas como grupo. Mas não pense que eles precisam de mero divertimento. Eles podem se divertir e, ao mesmo tempo, ser úteis. Ajude-os a canalizar as energias em projetos úteis. Para trabalhar com jovens, você precisa ser um deles. Ajude-os, brincando e executando atividades interessantes, para as quais eles possam convidar amigos, colegas da escola e parentes.

## Uma igreja viva

Finalmente, quero lhe falar sobre a construção de uma igreja forte e viva. Afinal, é nisto que consiste o ministério pastoral: cuidado pela comunidade de fé. Aqui estão cinco sugestões para ajudá-lo:

1. Alguns membros da igreja sabem como satisfazer suas necessidades de informação e conhecimento; outros não. Você pode ajudar a transformar a igreja em prioridade na vida deles, se os ajudar a expandir as faculdades mentais dadas por Deus. A igreja é um lugar excelente para todo tipo de ensinamento: Bíblia, testemunho, família, natureza, saúde e outros temas. Os cursos oferecidos pela igreja podem abrir portas para satisfação das necessidades comunitárias e torná-la mais útil para mais pessoas.

2. Lembre-se: você é um líder, facilitador, capacitador, nunca um chefe. Você deve semear ideias. Depois de algum tempo de incubação, essas ideias voltarão, possivelmente com uma nova forma, como ideias dos membros. Bondosamente aceite a mudança de propriedade e deixe que eles impulsionem as ideias.

3. Não pense que você tem que pregar ou ensinar todas as vezes. Dê aos membros oportunidade para crescer. Em nossa igreja-jinha, eu decidi transferir o ensino da Lição da Escola Sabatina das crianças para Daisy, de modo que ela pudesse aprender a ensinar. Como sofri no primeiro mês! Mas ela aprendeu e se tornou líder. Evidentemente, nem todos possuem talentos verbais. Vovó Maria cuida de doentes e faz roupas com retalhos de tecidos. Incentive para que os irmãos façam alguma coisa. Quanto mais variedade houver, melhor será.

4. Mantenha a família da igreja buscando outras pessoas com as quais ela possa compartilhar o amor e a segurança que encontrou na igreja. Você sabe a história de um mendigo dizendo a outro onde encontrar pão. Ensine sua igreja a compartilhar, anime-a a convidar amigos e familiares para as programações. Oriente-a para a missão. O alvo de sua igreja é crescer, expandir-se. Fazendo assim, todos serão mais felizes.

5. Não deixe que as crianças esperem muito tempo para que se envolvam nas atividades da igreja. Pense no que você teria perdido se, aos onze anos, não tivesse assumido a música em nossa igreja,


durante as duas semanas em que os outros músicos estiveram ausentes.

A igreja que estou descrevendo talvez pareça mais uma colmeia, onde há atividade contínua. Na igreja deve acontecer a mesma coisa. Como eu desejo ter um jovem pastor trabalhando com um arquiteto visionário para criar um edifício com salas de aulas, espaço para confraternização, área para esportes – e, no sábado, isso se tornasse um lugar agradável de culto! Esse é um desafio para você.

Como adventistas, temos as 24 horas do sábado para nutrir a família de Deus. Não raro falamos do sábado como “tempo da família” e nos esquecemos de que não estamos falando necessariamente da família nuclear. Faça com que as várias atividades – proclamação, adoração, comunhão e serviço – tornem o sábado o melhor e mais ocupado dia da semana.

Se sua igreja for uma colmeia de alegre confraternização e serviço, você não necessitará ficar preocupado com seu trabalho. O presidente da Associação estará feliz com você e fará o melhor esforço para ter você em seu Campo. Não se preocupe.

Confio em você e em sua geração. Você pode, sob o poder e a direção de Deus, infundir nova vida na igreja. Mal posso esperar para ver isso. Que o poder e a graça de Deus sejam abundantes sobre você e na igreja que você irá pastorear. Orarei diariamente por você.

Com amor,  
Mãe 





gentileza do autor

# O adventismo e a nova antropologia

**A perspectiva teológica atual abre espaço para que a teologia adventista exerça um papel efetivo**

Desde que Adolf von Harnack lançou a tese de que quase todas as coisas consideradas ortodoxia cristã (“o elemento católico”) são resultado da “helenização aguda do cristianismo”,<sup>1</sup> o próprio fundamento clássico da teologia foi abalado. Como se confirmasse isso, Jürgen Moltmann cunhou a frase “os Pais batizaram Aristóteles”.<sup>2</sup>

Desde então, os protestantes, particularmente evangélicos, têm começado um processo de “deselenização” da teologia. O que esse processo faz à teologia? De que maneira isso está relacionado à teologia adventista? Este artigo resumirá a história do processo de “deselenização” na teologia protestante e evangélica, a fim de mostrar como essa história afetou a compreensão da ideia de Deus e, conseqüentemente, a compreensão da natureza humana. Também tentará demonstrar que essa mudança de paradigma coloca a Igreja Adventista do Sétimo Dia em uma

posição ideal para apresentar seu sistema doutrinário.

## Deselenização de Deus

Começando com a compreensão de que a teologia tem sido construída sobre pressuposições filosóficas do antigo helenismo grego, um dos primeiros elementos a ser reformulados por uma minoria de eruditos foi a pressuposição fundamental do *Ser de Deus*. Se a atemporalidade de Deus tinha sido anteriormente o ponto de partida da teologia clássica, agora seria radicalmente reinterpretada por um novo paradigma filosófico.

À medida que os filósofos se tornaram mais familiarizados com a natureza básica da realidade, eles compreenderam que as coisas temporais poderiam ser conjecturadas como sendo reais. Assim, a História deixou de ser uma cópia ilusória das realidades eternas – atemporais – tal como foi concebido pela filosofia platônica e pelo

teísmo clássico. Em sua obra-prima *Sein und Zeit* [Ser e Tempo], Martin Heidegger rejeitou a atemporalidade conforme estabelecida por Aristóteles, Parmênides e Tomás Aquino, e propôs o seguinte: “Nosso objetivo é a interpretação provisória do tempo como o horizonte possível para toda e qualquer compreensão do ser.”<sup>3</sup> A realidade foi reinterpretada em termos de temporalidade.<sup>4</sup>

Seguindo essa linha de raciocínio, Deus não é visto como um Ser no qual há uma ausência de tempo, mas como um Deus que inclui o tempo em Seu Ser. Oscar Cullmann rejeitou a pressuposição da atemporalidade do Ser de Deus porque isso pertencia à antiga filosofia grega. Cullmann argumentava que a mente hebraica concebe que Deus vive em um tempo sem limite e não em uma forma abstrata, como se Ele estivesse além do tempo. Em sua análise exegética do uso da palavra grega *aiōn* no Novo Testamento, Cullmann



conclui que o conceito bíblico de eternidade não é necessariamente uma realidade atemporal, mas uma experiência ilimitada de tempo. A eternidade não é atemporal, mas tempo sem fim – tempo linear partilhado por Deus e os seres humanos.<sup>5</sup>

De acordo com Norman Gulley, Fernando Canale resolveu a questão do relacionamento de Deus com o tempo. Canale sugeriu que “a ontologia bíblica clama por uma compreensão do tempo como uma suposição primordial”.<sup>6</sup> Estabeleceu que, tendo como base a suposição bíblica do Ser de Deus, “surgirá um novo sistema teológico que, pela primeira vez, será livre de condicionamento extra-teológico”.<sup>7</sup>

## Doutrina do homem

A doutrina do homem foi o ponto seguinte a ser mudado e reformulado por alguns teólogos atuais. Seguindo Aristóteles, Tomás Aquino tinha ensinado que os seres humanos eram animais racionais. Entretanto, em contraste com o filósofo grego, Aquino sustentava que a alma é separada do corpo na morte. Ele considerava que a alma não era corporal, entidade permanente que podia existir sem o corpo durante o período entre a morte da pessoa e a ressurreição geral.<sup>8</sup>

Um dos pioneiros que tentaram uma reformulação da influência filosófica grega sobre a antropologia foi Oscar Cullmann. Em um ensaio apresentado em 1955 na Universidade Harvard, *Immortality of the Soul or Resurrection of the Dead? The Witness of the New Testament*, Cullmann estabeleceu que o conceito da imortalidade da alma é “um dos maiores mal-entendidos do cristianismo”.<sup>9</sup> Ele também afirmou que a ressurreição da morte estava ancorada nos ensinamentos de Cristo e que é “incompatível com a crença grega na imortalidade”.<sup>10</sup> Nesse sentido, os primeiros cristãos não consideravam a alma intrinsecamente imortal, mas que era imortal apenas por meio da ressurreição de Jesus Cristo e pela fé nEle. Junto a isso, Cullmann também negou a dualidade

entre corpo e alma – um conceito que deriva do platonismo grego.

De uma perspectiva do Antigo Testamento, Hans Walter Wolff também chegou à conclusão de que não existe dualismo antropológico nas Escrituras. Ele estabeleceu que uma interpretação equivocada da terminologia antropológica da Bíblia tinha “levado na direção de uma antropologia dicotômica ou tricotômica, na qual, corpo alma e espírito estão em oposição mútua”.<sup>11</sup> De acordo com Wolff, “a questão que ainda deve ser investigada é como, com a língua grega, a filosofia grega tem aqui suplantado as visões semitas bíblicas, sobrecarregando-as com influências estranhas”.<sup>12</sup>

## Avanços atuais

Essa negativa do dualismo platônico em favor de uma visão integral dos humanos tem sido desenvolvida mais recentemente. Muitas vezes de diferentes linhas teológicas de pensamento estão proclamando uma mensagem semelhante. Clark Pinnock, ex-presidente da *Evangelical Theological Society*, por exemplo, afirma que “a crença helenística sobre a natureza humana que tem dominado o pensamento cristão” é “uma antropologia não bíblica”.<sup>13</sup> Para ele, “a Bíblia não ensina a imortalidade natural da alma; em vez disso, ela aponta para a ressurreição do corpo como dom de Deus aos crentes”.<sup>14</sup> G. C. Berkouwer argumenta que não há “divisão” antropológica nos humanos,<sup>15</sup> porém, defende que esses existem num estado intermediário com Cristo depois da morte.<sup>16</sup> Semelhantemente, enquanto Helmut Thielicke defende que “não há divisão entre corpo e alma”, ele também se inclina à ideia do estado intermediário.<sup>17</sup>

Tendo como base Lucas 24:36-49, Marilyn McCord Adams argumenta que o estado ideal não é o de uma alma independente desencarnada do corpo, mas o objetivo final é a ressurreição do corpo.<sup>18</sup> De uma perspectiva psicológica, David Myers defende uma visão integral da pessoa. Ele estabelece que a visão bíblica

de conhecimento é fundamentada na visão da pessoa como uma entidade integral, não com a dicotomia de mente e corpo.<sup>19</sup> E de uma perspectiva filosófica de religião, baseada na lógica como uma disciplina, Eleonore Stump e Norman Kretzmann também argumentam contra a visão dualística cartesiana do ser humano.<sup>20</sup>

Um dos mais recentes avanços na compreensão deste assunto é a assim chamada visão constitucional, segundo a qual os seres humanos são *constituídos* por um corpo, mas não são *idênticos* ao corpo que os *constitui*, da mesma forma que uma estátua é constituída de bronze, mas não é idêntica ao bronze que a constitui.<sup>21</sup> Semelhante a essa visão é a que é conhecida como “dualismo emergente”.<sup>22</sup> Essa posição aceita que os seres humanos, bem como outros organismos, inicialmente consistem de nada mais que matéria física comum; entretanto, é adicionada a ideia de emergência. Essa ideia significa que quando os elementos de certos tipos são organizados corretamente, alguma coisa nova vem à existência, algo que antes não existia.

William Hasker, um dos proponentes dessa posição, faz um paralelo com um eletromagneto. Essencialmente, trata-se apenas de um rolo de arame. Mas, quando uma corrente elétrica atravessa o arame, algo novo aparece: um campo magnético. Esse campo exerce poderes casuais que não havia antes que ele fosse criado, habilitando-o a ativar o motor ou fazer algo funcionar. “Assim como o magneto gera seu campo magnético, um organismo gera seu campo de consciência.”<sup>23</sup> Entretanto, desde que Hasker não quer ser confundido com o dualismo platônico, ele esclarece: “Assim, para o dualismo emergente, a vida eterna é inteiramente possível, mas virá por meio de um extraordinário e miraculoso ato de Deus, não como um atributo natural de uma ‘alma imortal’”.<sup>24</sup>

Tudo parece indicar que a visão dualística grega continuará a ser desafiada a partir de múltiplas perspectivas.<sup>25</sup>

## Deselenização adventista

A teologia adventista começou com um processo de desconstrução da teologia tradicional. Esse processo surgiu como consequência de o próprio adventismo ter mudado dos condicionamentos filosóficos para estudar a Bíblia com base em seus próprios pressupostos. A mudança dos pioneiros adventistas também começou com a doutrina de Deus. Por exemplo, Tiago e Ellen G. White enfatizaram o conceito de “duas pessoas distintas, literais, tangíveis”<sup>26</sup> da Divindade, em contraste com o Deus impessoal, teórico e abstrato da filosofia grega. Jerry Moon afirma o seguinte sobre isso: “Ela [Ellen G. White] rejeitou pelo menos três das pressuposições filosóficas presentes no trinitarianismo: (1) o dualismo radical de espírito e matéria, que concluía que Deus não podia ter uma forma visível; (2) a noção de impassibilidade, segundo a qual Deus não tinha paixões, sentimentos nem emoções, portanto não podia ter interesse nem simpatia para com os seres humanos; e (3) o dualismo do tempo e atemporalidade, que levava a noção de ‘geração eterna’, e ‘progressão eterna’. A rejeição dela a esses conceitos constituiu-se um afastamento radical do dogma medieval da Trindade.”<sup>27</sup>

Desde seus primórdios, a igreja Adventista do Sétimo Dia também tem mantido uma visão monística do ser humano.<sup>28</sup> Em sua defesa dessa visão, os pioneiros adventistas condenaram o dualismo antropológico como tendo sua origem na filosofia platônica.<sup>29</sup> Para eles, “um elemento na apostasia da qual surgiu a besta [Ap 13], e que foi um poderoso impulso na formação dela, foi a adoção da filosofia pagã”, e um dos resultados disso foi a crença na “imortalidade da alma”.<sup>30</sup> Citando o historiador Edward Gibbon, A. T. Jones argumentou que a ideia da imortalidade da alma chegou ao cristianismo por meio do dualismo platônico.<sup>31</sup> Uriah Smith considerou que a ideia de uma alma “imaterial, sempre consciente, nunca morrendo” veio “de certas especulações de Sócrates e Platão”.<sup>32</sup>

## Fazendo diferença

Um crescente número de protestantes e evangélicos tem abraçado a tradicional posição adventista sobre o monismo bíblico: “a posição segundo a qual todas as expressões da vida interior dependem da natureza humana completa, incluindo o sistema orgânico.”<sup>33</sup> Entretanto, quando protestantes e evangélicos chegaram a essa compreensão antropológica, os adventistas a defendiam por muito tempo. A perspectiva teológica atual abre espaço para que a teologia adventista exerça um papel teológico efetivo.

Embora o protestantismo, em suas formas ortodoxas, tenha sido construído sobre as pressuposições ontológicas gregas, alguns eruditos discordam do dualismo platônico. Thomas Kuhn, médico e filósofo norte-americano, indicou que isso é uma anomalia que eventualmente deveria requerer mudança de paradigma.<sup>34</sup> Essa mudança de paradigma já ocorreu na teologia adventista. Como povo da Bíblia, necessitamos entrar na arena teológica cristã e mostrar que o adventismo tem uma teologia confiável. **TM**

### Referências:

<sup>1</sup> Adolf Von Harnack, *History of Dogma* (Boston, MA: Little, Brown and Co., 1902), v. 1, p. 48-60.

<sup>2</sup> Jürgen Moltmann, *The Trinity and the Kingdom of God* (Londres: SCM, 1892), p. 20-22.

<sup>3</sup> Martin Heidegger, *Being and Time* (San Francisco, CA: HarperCollins, 1962), p. 1.

<sup>4</sup> Heidegger também explica o tempo como horizonte transcendental da questão do ser. Ver *Op. Cit.*, p. 65.

<sup>5</sup> Oscar Cullmann, *Christ and Time: The Primitive Christian Conception of Time and History* (Philadelphia, PA: Westminster, 1964), p. 49.

<sup>6</sup> Norman Gulley, *Systematic Theology: Prolegomena* (Berrien Spring, MI: Andrews University Press, 2003), p. 10.

<sup>7</sup> Fernando Canale, *A Criticism of Theology Reason: Time and Timelessness as Primordial Presuppositions* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1983), p. 399.

<sup>8</sup> Ver Marilyn McCord Adams, *Philosophical Topics* 20, n° 1 (1992), p. 1-33.

<sup>9</sup> Oscar Cullmann, em *Immortality and Resurrection* (Nova York: Macmillan, 1965), p. 9.

<sup>10</sup> *Ibid.*

<sup>11</sup> Hans Walter Wolff, *Anthropology of the Old Testament* (Londres: SCM, 1974), p. 7.

<sup>12</sup> *Ibid.*

<sup>13</sup> Clark H. Pinnock, em *Four Views on Hell* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996), p. 147.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 147, 148.

<sup>15</sup> G. C. Berkhouwer, *Man: The Image of God* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1962), p. 265.

<sup>16</sup> *Ibid.*

<sup>17</sup> Helmut Thielicke, *Living With Death* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983), p. 173.

<sup>18</sup> Marilyn McCord Adams, *The Expository Times* 117, n° 6, (2006), p. 252.

<sup>19</sup> David Myers, *The Human Puzzle* (San Francisco, CA: Harper & Row, 1978), p. 125.

<sup>20</sup> Eleonore Stump and Norman Kretzmann, *Faith and Philosophy* 13, n° 3 (1996), p. 405-412.

<sup>21</sup> Kevin J. Corcoran, *Rethinking Human Nature: A Christian Materialist Alternative to the Soul* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2006), p. 65.

<sup>22</sup> Aqui a palavra *dualismo* não é compreendida de modo platônico ou cartesiano, mas como oposta ao monismo meramente material, que apresenta os seres humanos como animais.

<sup>23</sup> William Hasker, em *For Faith and Clarity: Philosophical Contributions to Christian Theology* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2006), p. 257.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 258.

<sup>25</sup> Ver Marco Blanco, *Journal of Asia Adventist Seminary* 15, n° 1 (2012), p. 108-112.

<sup>26</sup> James White, *Day-Star*, 24 de janeiro de 1846, p. 25; Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, p. 54.

<sup>27</sup> Jerry Moon, *Journal of the Adventist Theological Society* 17, n° 1, (2006), p. 156, 157.

<sup>28</sup> Leroy Edwin Froom, *The Conditionalist Faith of Our Fathers* (Washington DC: Review and Herald, 1966), p. 646-740.

<sup>29</sup> Stephen Nelson Haskel, *The Story of Daniel the Prophet* (South Lancaster, MA: Bible Training School, 1901), p. 229.

<sup>30</sup> *The Adventist Review and Sabbath Herald*, n° 17 (1900), v. 77, p. 162; Alonso Trevier Jones, *Ecclesiastical Empire* (Batte Creek, MI: Review and Herald, 1901), p. 97.

<sup>31</sup> A. T. Jones, *Vailly Bulletin of the General Conference*, n° 10, 13 e 14 de fevereiro de 1893, p. 261.

<sup>32</sup> Uriah Smith, *Here and Hereafter, or Man in Life and Death: The Reward of the Righteous and the Destiny of the Wicked* (Battle Creek, MI: Review and Herald, 1897), p. 173.

<sup>33</sup> Aecio Cairus, em *Handbook of Seventh-day Adventist Theology* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), p. 212.

<sup>34</sup> “Paradigm Shift”, *Wikipedia*, [www.wikipedia.org/wiki/Paradigm\\_shift](http://www.wikipedia.org/wiki/Paradigm_shift), acessado em 6 de abril de 2015.





# O pastor dos sonhos da igreja



**“Necessitamos de homens que reconheçam sua pobreza de alma, e que busquem ardentemente o dom do Espírito Santo”**

**D**eus apela aos ministros que aceitam Sua verdade, e ostentam, em Seu nome, a mensagem mais solene jamais dada ao mundo, que ergam a bandeira das verdades bíblicas e exemplifiquem seus preceitos em sua vida diária. Tal conduta induziria a crer muitos que se têm entrincheirado atrás das barreiras da infidelidade. A influência do caráter verdadeiramente cristão é como os brilhantes raios do sol que penetram nos cantos

mais remotos dos obscuros lugares nos quais conseguem entrar. A luz que emana do exemplo do ministro verdadeiramente cristão não deve ser vacilante nem incerta como o lampejo de um meteoro, mas deve possuir o calmo e contínuo resplendor das estrelas celestes.

Judas exemplifica os ministros que talvez amem a Jesus, mas se apegam aos seus questionáveis traços de caráter. Em Cristo ele via um caráter puro, inofensivo

e imaculado, e seu coração foi levado a amar seu Mestre. Mas a luz do caráter de Cristo, que irradiou sobre ele, trouxe consigo a responsabilidade de sujeitar todo traço natural ou adquirido que não estava em harmonia com o caráter de Jesus. Nisso Judas não resistiu ao teste. O amor ao mundo estava profundamente enraizado em seu coração, e ele não abandonou esse amor nem rendeu a Cristo sua ambição.

Ele nunca chegou ao ponto de se entregar completamente a Cristo. Achava que podia manter seu próprio discernimento e opinião. Embora tivesse aceitado o cargo de ministro de Cristo, nunca se submeteu ao Seu molde divi-

no. Apegou-se aos seus contestáveis traços de caráter, cedeu aos próprios hábitos pecaminosos e, em vez de se tornar puro e semelhante a Cristo, tornou-se egoísta e cobiçoso.

## Consagração

O que necessitamos neste tempo perigoso é de um pastorado convertido. Necessitamos de homens que reconheçam sua pobreza de alma, e que busquem



ardentemente o dom do Espírito Santo. Uma preparação interior é necessária para que Deus nos dê Sua bênção, mas essa obra do coração não foi realizada. Quando os pastores despertarão para as solenes responsabilidades colocadas sobre eles e rogarão fervorosamente pelo poder celestial? É o Espírito Santo que precisa dar agudeza e poder ao sermão do ministro, ou sua pregação será destituída da justiça de Cristo como foi a oferta de Caim.

Foram-me apresentados pastores que, antes de se converterem, tiveram uma trajetória e um caráter muito difíceis – eram os mais incorrigíveis, inflexíveis e teimosos – e, no entanto, cada um desses traços de caráter transformado era o que se necessitava na obra de Deus.

Deve haver uma transformação do caráter. O fermento precisa agir no coração humano até que cada ação esteja em conformidade com a vontade de Deus e [os pastores] sejam santificados; então esses ministros se tornam os mais valiosos. É justamente essa classe de indivíduos que Deus pode usar nos diferentes ramos de Sua obra.

Não são sempre os homens os que melhor se adaptam a uma bem-sucedida administração da igreja. Se há mulheres fiéis que têm maior consagração do que os homens, elas certamente podem, através de suas orações e serviços, fazer mais do que homens cuja vida e cujo coração não são consagrados.

## Desprendimento

Nem todos os pregadores se entregam ao trabalho de Deus como lhes é exigido. Alguns sentem que o trabalho do pregador é difícil, porque são obrigados a ficar separados de suas famílias. Eles se esquecem de que antes era muito mais difícil do que agora. Não havia senão poucos amigos da causa. Eles se esquecem daqueles sobre quem Deus pôs no passado a responsabilidade da obra.

Havia então apenas alguns que recebiam a verdade como resultado de muito trabalho. Os escolhidos servos de Deus choravam

e oravam para obter uma clara compreensão da verdade, sofriam privações e exerciam muita abnegação para levá-la aos outros. Passo a passo, prosseguiram conforme a providência de Deus os conduzisse. Não levavam em conta a própria conveniência nem recuavam diante das dificuldades. Por meio desses homens, Deus preparou o caminho e tornou a verdade clara à compreensão de toda mente sincera.

Tudo foi posto nas mãos dos pastores que abraçaram a verdade desde então, mas alguns deles não sentiram a responsabilidade do trabalho. Eles procuraram uma solução mais fácil, uma posição menos abnegada. Esta Terra não é o lugar de repouso dos cristãos, e muito menos dos escolhidos pastores de Deus. Eles se esquecem de que Cristo deixou Suas riquezas e Sua glória no Céu e veio à Terra para morrer, e que Ele nos ordenou amar uns aos outros, assim como Ele nos amou (Jo 15:12). Esquecem-se daqueles “dos quais o mundo não era digno”, que “andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados” (Hb 11:38, 37).

Os pastores que acham que estão sofrendo devem “visitar” a oficina do apóstolo Paulo. Embora de saúde frágil, ele trabalhava durante o dia no serviço da causa de Cristo; e, então, boa parte da noite, se esforçava arduamente, muitas vezes a noite toda, para que pudesse fazer provisão para as próprias necessidades e as de outros.

Moisés foi dirigido por Deus para obter experiência em zelar, considerar e demonstrar terna solicitude por seu rebanho para que pudesse, como fiel pastor, estar pronto quando Deus o chamasse a liderar Seu povo. Experiência semelhante é essencial para aqueles que se empenham na grande obra de pregação da verdade.

A fim de conduzir pessoas à fonte vivificante, o próprio pregador deve primeiramente beber da fonte. Ele precisa compreender o infinito sacrifício feito pelo Filho de Deus para salvar a humanidade caída, e seu coração deve estar repleto do espírito do infinito amor. Se Deus nos determina

que realizemos um árduo trabalho, precisamos fazê-lo sem reclamar. Se o caminho é difícil e perigoso, é plano de Deus fazer com que sigamos em humildade, e clamemos a Ele por força.

Uma lição deve ser aprendida da experiência de alguns dos nossos pastores que, de forma semelhante, nada souberam de dificuldades e provações, contudo sempre se julgam mártires. Eles ainda têm que aprender a aceitar com gratidão o caminho da escolha de Deus, lembrando-se do Autor de nossa salvação. A obra do pastor deve ser realizada com muito mais energia, zelo e dedicação do que manifesta nas transações comerciais, pois o trabalho é muito mais sagrado e os resultados mais significativos.

## Compaixão

Irmão A, você necessita trabalhar com o máximo empenho para controlar o eu e desenvolver um caráter em harmonia com os princípios da Palavra de Deus. Você precisa se educar e treinar, a fim de se tornar um pastor bem-sucedido. Precisa cultivar um bom temperamento – traços de caráter bondosos, alegres, animadores, generosos, compassivos, corteses e piedosos. Deve vencer seu espírito mal-humorado, fanático, estreito, crítico e dominante. Se está ligado à obra de Deus, precisa batalhar consigo mesmo vigorosamente e formar seu caráter segundo o Modelo divino.

Que maravilhosa reverência Jesus expressou pela vida humana em Sua missão! Ele não Se apresentou perante as pessoas como um rei exigindo atenção, reverência e serviço, mas como alguém que desejava servir, para erguer a humanidade. Ele disse que não tinha vindo para ser servido, mas para servir.

Tenho certeza de que a grande lição de perdão deve ser aprendida mais perfeitamente por todos nós, e devemos praticar as virtudes cristãs. Onde quer que Cristo visse um ser humano, Ele via alguém que necessitava de compaixão. Muitos de nós estamos dispostos a servir

a quem honramos, mas justamente aqueles a quem Cristo tornaria uma bênção para nós se não fôssemos tão insensíveis, desatenciosos e egoístas, passamos por alto como sendo indignos de nossa atenção. Não os ajudamos, embora seja nosso dever fazê-lo, tolerando sua rudeza, enquanto procuramos cultivar neles os traços de caráter opostos.

## Atitude positiva

Zombaria, piadas e conversas profanas pertencem ao mundo. Os cristãos que possuem a paz de Deus no coração serão alegres e felizes, sem condescender com superficialidade ou frivolidade. Enquanto vivem em oração, não de possuem uma serenidade e uma paz que os elevarão acima de todas as futilidades.

Não é preciso buscar maior evidência de que a pessoa se encontra distante de Jesus e negligenciando a oração particular, a devoção pessoal, do que o fato de que ela expressa dúvidas e descrença porque as circunstâncias não são favoráveis. Tais pessoas não têm a religião pura, verdadeira e imaculada de Cristo. Elas possuem um artigo falso que o processo refinador consumirá totalmente como escória.

Logo que Deus prova e testa sua fé, elas vacilam, enfraquecem-se e oscilam primeiro para um lado e depois para o outro. Não possuem o artigo genuíno que Paulo tinha, de poder gloriar-se na tribulação porque "a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração" (Rm 5:3-5).

A religião dessas pessoas é circunstancial. Se todos ao seu redor estão fortes na fé e encorajados com relação ao triunfo final da mensagem do terceiro anjo e, se nenhuma influência especial se fizer presente contra elas, então aparentam possuir alguma fé. Mas tão logo a adversidade pareça surgir contra a causa, o trabalho se arraste pesadamente e o auxílio de todos se torna necessário, esses pobres seres humanos,

embora sejam professos ministros do evangelho, esperam que tudo resulte em nada. Atrapalham em vez de ajudar.

Satanás trabalhará por todo e qualquer meio que puder empregar para desanimar os servos ativos do Senhor. Se o pastor puder ser desviado de sua responsabilidade, o caminho ficará livre para que os lobos disperse e devorem as ovelhas.

## Confiabilidade

Os ministros de Jesus Cristo devem ensinar, tanto na igreja quanto a indivíduos, o fato de que a profissão de fé, mesmo dos adventistas do sétimo dia, a menos que proceda de piedade sincera, é impotente para fazer o bem. Uma luz espiritual deve resplandecer da igreja e especialmente dos pastores, em raios claros e invariáveis. Ela não deve resplandecer apenas em momentos especiais e então diminuir e oscilar como se estivesse se extinguindo.

O irmão C pode falar de maneira a atrair o interesse da congregação e, se isso é tudo que é necessário para tornar um pregador bem-sucedido, então os irmãos e irmãs deveriam estar certos em sua avaliação a respeito dele. Mas ele não é um obreiro completo nem confiável.

## Humildade

O seu perigo será sempre de desprezar o conselho e atribuir a si um valor mais elevado do que Deus lhe atribuiu. Há muitos que estão sempre prontos a lisonjear e louvar o pastor que sabe falar. Um pastor se prejudica por estar sempre em risco de ser mimado e ovacionado, enquanto ao mesmo tempo pode ser deficiente nas coisas essenciais que Deus requer daquele que professa ser um porta-voz dEle.


Você mal entrou na escola de Cristo. A adaptação para sua obra é uma tarefa vital, uma luta diária, penosa e custosa com hábitos estabelecidos, inclinações e tendências hereditárias. Guardar e controlar o próprio eu, para manter Jesus em destaque e o eu fora de vista, requer esforço constante, diligente e vigilante.

Quanto tempo foi necessário para que Moisés aprendesse a lição da mansidão e se tornasse um general para guiar o exército de Israel para fora do Egito? Ele passou por um longo período de disciplina. Durante quarenta anos cuidou de ovelhas na terra de Midiã, aprendendo a ser um bom pastor para o rebanho. Enquanto era pastor, foi chamado para cuidar do fraco, para guiar o desobediente, para buscar o perdido. Esse foi um treinamento necessário para ele se tornar o líder de Israel, pois, no cuidado do rebanho do Senhor, ele seria chamado a alimentar o fraco, instruir o desobediente e trazer o perdido de volta ao aprisco.

## Responsabilidade

Os ministros da Palavra, e outros que ocupam cargos de responsabilidade, assim como o corpo da igreja, necessitam ter este espírito de humildade e contrição. O apóstolo Pedro escreveu àqueles que trabalham com o evangelho: "Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados, Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho" (1Pe 5:2, 3).

Nenhuma parte das responsabilidades do ministro deve ser negligenciada. Ele deve pregar a Palavra, não as opiniões dos homens. Deve trabalhar com os indivíduos, visitar as famílias, não para falar apenas das coisas comuns da vida, mas das coisas de interesse eterno, orando com eles, e ensinando com toda a simplicidade a verdade de Deus.

O trabalho do ministro representado pelas sete estrelas é sublime e sagrado. Quando ele nutre a ideia de que sua tarefa se resume em pregar sermões, passa por alto e certamente negligencia o trabalho que recai sobre o pastor do rebanho. É sua incumbência cuidar do rebanho e supervisioná-lo, bem como organizar os assuntos da igreja de modo que todos tenham o que fazer. – *Transcrito do livro Ministério Pastoral* 



# A arte da negligência estratégica

Uma forma de impor limites para equilibrar trabalho e vida familiar

**D**urante uma viagem na qual sobrevoávamos o Atlântico, meses atrás, fomos surpreendidos por uma violenta tempestade. Embora já tivéssemos passado por algumas experiências semelhantes anteriormente, aquela foi a pior. Permanecemos calmos e serenos, sentados lado a lado naquela sombria tormenta. De mãos dadas, individualmente oramos a Deus.

Naqueles momentos, enquanto o avião mergulhava e sacudia, e nosso futuro parecia incerto, nossos pensamentos não foram direcionados às responsabilidades do nosso trabalho. Em vez disso, conforme admitimos posteriormente, confessamos um ao outro o que verdadeiramente pesava em nossa mente: nosso relacionamento com Deus, nosso relacionamento mútuo e a salvação de nossos filhos.

## Lições de uma viagem

Invariavelmente, nossa vida no ministério pode, às vezes, parecer-se com uma tempestade violenta. A intensidade do próprio trabalho adicionada às altas cobranças por expectativas irreais, dos

membros da igreja e até mesmo dos líderes, nem sempre contribuem para que a viagem seja tranquila. Em vez disso, o pastor pode ser levado rapidamente ao esgotamento e a viver sob pesado fardo de culpa, frustração e desilusão.

Essas emoções não apenas são uma realidade para o pastor, mas têm efeito sobre a esposa e os filhos. Não raro, muito das mesmas expectativas colocadas sobre o pastor também afeta a família dele. Por exemplo, normalmente, as esposas são solicitadas a assumir responsabilidades pastorais. Espera-se que os filhos sejam modelos de perfeição e que demonstrem maturidade espiritual além do que é apropriado à idade deles.

De fato, o ministério pastoral tem alegrias e desafios, altos e baixos. Embora os altos do ministério sejam muitos – levar pessoas a Jesus, transmitir esperanças a pessoas desesperadas – os baixos podem ser realmente muito baixos. Podendo levar alguém a ficar estressado diante dos limites de tempo e recursos, e sem conseguir os resultados esperados na igreja e na família.

Em meados dos anos 1980, Paul Tsongas, senador norte-americano pelo estado de Massachusetts, descobriu que tinha câncer. Inicialmente, ele decidiu levar adiante sua campanha de reeleição ao cargo. Naquela ocasião, um amigo, Arnold Zack, escreveu para ele o seguinte: “Nenhuma pessoa no leito de morte dirá: ‘Eu gostaria de ter gasto mais tempo com meus negócios.’” Tsongas renunciou à campanha e investiu mais tempo com sua família durante aquele difícil período.<sup>1</sup>

Não estamos sugerindo que os pastores renunciem ao ministério. Ao contrário disso, sugerimos que eles desenvolvam uma visão nova e priorizem as coisas importantes, administrando seu tempo e buscando equilíbrio em sua vida espiritual, pessoal e vocacional. “Coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interior, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família, vem em primeiro lugar.”<sup>2</sup>

## Limites necessários

Em uma entrevista publicada no *Leadership Journal*, Bill Hybels, pastor da



*Willow Creek Community Church*, falou sobre as chaves da mais simples e mais efetiva liderança. Ele mencionou a necessidade que têm os pastores e líderes de entender a noção de “negligência estratégica”.<sup>3</sup> Essa ideia realça a necessidade de limites saudáveis no ministério. Todo pastor necessita focalizar, simplificar e priorizar.

Tendo em mente esse compromisso, ele deve perguntar a si mesmo: “Quem eu desejo ser, com o passar do tempo? Que tipo de esposo? Que tipo de pai? Que tipo de pastor, amigo e líder?” Então, deve fazer a seguinte pergunta: “O que necessita ser feito em minha agenda, de modo que eu me torne esse tipo de pessoa?” Essencialmente, os pastores devem decidir estrategicamente que coisas deverão ser suprimidas de sua agenda, a fim de que tenham êxito espiritual, pessoal, na vida familiar e vocacional.

Recente pesquisa sobre estresse na família pastoral, realizada na Divisão Norte-Americana, mostrou que um percentual significativo de pastores relataram ter dificuldade com a prática da oração particular, lutas para manter ligação pessoal com Deus e problemas em estabelecer tempo para devoção pessoal. Como pessoas envolvidas no ministério, o que bem sabemos é que, sem oração e estudo da Bíblia, é impossível manter um relacionamento viável com Deus, necessário para todo ministério efetivo. Sem essa conexão diária, perdemos de vista a essência do chamado, passando a atuar como meros profissionais.

Diante disso, o que deve o pastor estrategicamente negligenciar, para que possa desenvolver mais fortemente as disciplinas espirituais? Deve estabelecer tempo específico para responder e-mails? Gastar menos tempo com mídias sociais? Menos tempo vendo televisão? Dormir cedo para acordar cedo? Você é a única pessoa que pode determinar o que fazer nesse sentido, a fim de que possa dedicar tempo necessário à oração e ao estudo da Bíblia, hábitos que o habilitarão a ser um líder espiritual efetivo.

## Na Palavra

Em Esdras 7:10, está escrito: “Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a lei do Senhor, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos.” Note o compromisso feito por Esdras com o estudo das Escrituras, viver as Escrituras e ensiná-las. Estudar a Palavra de Deus é pré-requisito para conhecê-Lo. Muitos eruditos estudam e ensinam a Bíblia, sem que isso faça qualquer diferença na vida deles. Não foi assim com Esdras. Ele colocou o coração nessa prática. Estudou, observou e ensinou as Escrituras.

Sem dúvida, a negligência estratégica foi eficaz na vida daquele fiel escriba; caso contrário, ele não seria capaz de estudar, viver e ensinar a Palavra de Deus. Como pastores, devemos aprender e operacionalizar em nossa vida o modelo estabelecido por Esdras, para que sejamos líderes efetivos do rebanho do Senhor. Esse tempo investido em devoção pessoal e estudo da Palavra de Deus não é tempo dedicado

à preparação de sermões. É tempo no qual nutrimos e alimentamos nossa vida espiritual, ligando-nos à Videira.

Em Atos 1:8, Jesus aconselhou Seus discípulos com estas palavras: “Mas recebereis poder, e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da Terra.” Pouco mais adiante, lemos: “Todos esses perseveravam unânimes em oração” (v. 14).

O Espírito Santo nos habilitará quando investirmos tempo em oração, pedindo clareza de mente e propósito para efetivamente representar Jesus diante do mundo. O poder do Espírito virá sobre nós com a força do Pentecostes, quando priorizarmos o tempo de comunhão com Deus por meio da oração. Sem esse foco e prioridade, nossa vida fluirá de maneira completamente desordenada. Ellen G. White aconselhou: “Consagrem-se a Deus pela manhã; façam disto sua primeira tarefa.”<sup>4</sup> É imperioso que estrategicamente incluamos em nossa agenda diária tempo para oração e estudo da Bíblia, pois à medida que negligenciarmos essas atividades, enfrentaremos barreiras entre nós e Jesus.

Na pesquisa anteriormente mencionada, muitos pastores se queixaram de não ter suficientes horas semanais para administrar todas as suas responsabilidades e ainda dispor de tempo livre para a família. Assim sendo, os pastores devem negligenciar estrategicamente muitas coisas boas no ministério, mas que são periféricas à sua missão principal, de modo que possam ter tempo para estar com a família e nutri-la.

Se aceitarmos todos os convites que recebemos anualmente para falar ou escrever, podemos prejudicar os principais objetivos de nossas responsabilidades ministeriais. Embora sejamos frequentemente tentados a trabalhar durante as férias, devemos propositadamente rejeitar certas tarefas e funções, a fim de que disfrutemos o descanso necessário, com o propósito de que estejamos suficientemente saudáveis física, emocional e espiritualmente para continuar nosso trabalho.

## Os sete compromissos do casamento feliz

1. Ouvir o cônjuge sem ser defensivo.
2. Partilhar sentimentos com o cônjuge, sem culpá-lo(a) por esses sentimentos.
3. Dar ao cônjuge o benefício da dúvida e não precipitar conclusões.
4. Reconhecer minha contribuição para nossas eventuais divergências.
5. Pedir perdão ao cônjuge quando disser alguma coisa que o(a) magoe.
6. Perdoar o cônjuge mesmo que ele(a) não tenha pedido perdão.
7. Fazer todo o possível a fim de partilhar bondade, paciência, compreensão e perdão.

## Trabalho em equipe

Há pouco mais de um ano, nós comemoramos trinta anos de casamento. Para marcar a ocasião, criar lembranças e manter viável nossa união, gastamos cinco dias na praia. Muito nos alegamos durante aquele período, desfrutando a beleza do mar azul e da areia clara da praia. Foram dias maravilhosos! Descontraímos, lemos bons livros, comemos comida feita por outras pessoas, nadamos, praticamos alguns esportes radicais e, mais importante de tudo, aprendemos a velejar.

Assim que nossas aulas de navegação começaram, compreendemos que isso é muito mais complexo do que parecia superficialmente. Embora cause um pouco de estresse, essa prática também descontrai, desafia e recompensa. Era necessário que estivéssemos juntos, trabalhando como equipe, e estivéssemos do mesmo lado do catamarã, para desfrutar a experiência de deslizar suavemente pelas belíssimas águas caribenhas.

Deus criou o casamento e a família para dar aos seres humanos um senso de comunidade, fazê-los sentir-se conectados e ter senso de responsabilidade mútua. Embora o processo tenha momentos desafiadores, as recompensas são imensas.

A Bíblia está repleta de conselhos para nos ajudar a direcionar nosso relacionamento familiar para a alegria máxima! Quanto mais lermos a Palavra de Deus, mais estaremos em sintonia com a vontade dEle para nossa família. A verdade é que, dentro do domínio da capacidade humana, é impossível conservar o amor

abrigado longe de avarias e feridas. Entretanto, à medida que aplicamos a Palavra de Deus ao nosso relacionamento familiar, podemos encontrar capacidade para honrá-Lo nesse relacionamento. Porém, isso somente poderá acontecer se tomarmos tempo para estar juntos e crescer juntos por meio do poder de Deus.

## Questões de família

Nós apreciamos passar tempo juntos. Tendo o privilégio de trabalhar juntos, temos experimentado juntos lugares, coisas e atividades favoritos. Temos restaurantes, museus, flores, comida e muitas outras coisas de nossa predileção. Somos agradecidos pelo fato de Deus nos haver conduzido juntos, e tentamos aplicar as Escrituras à nossa interação familiar, visando a extrair o máximo benefício. Um dos nossos versos bíblicos favoritos, que nos ajuda a estar atentos enquanto nos comunicamos um com o outro, é este: “Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar” (Tg 1:19).

Trabalhar tão próximos como acontece conosco é gratificante, mas também desafiador. Assim, nós escolhemos estabelecer tempo de lazer juntos, e frequentemente encontrar razões para comemorar, para manter o casamento e a família num ambiente agradável. Depois de passar uma semana falando em retiros de casais ou treinamento de pastores, normalmente procuramos um bom restaurante indiano.

## Como colocar primeiro as coisas mais importantes

- Agende!
- Devoção pessoal.
- Dia livre semanal com o cônjuge (não tratar de nenhum problema).
- Reservar tempo para os filhos.
- Obedeça à agenda!
- Honrar primeiramente os compromissos com Deus, a família e a igreja.
- Negligenciar estrategicamente as “pedrinhas” (coisas no caminho para o mais importante).
- Use a agenda para se manter na rota.
- A vida flui e os imprevistos acontecem.
- Use a agenda para reajustar e manter o foco das prioridades.

Embora sejamos cuidadosos quanto aos princípios de temperança, desfrutamos o alimento e encontramos uma boa razão para celebrar Deus e a vida.

Nossos filhos já não estão conosco. Entretanto, transformamos todas as oportunidades que temos de estar juntos numa ocasião de festa. Isso nos lembra de que nos pertencemos mutuamente, e agradecemos a Deus por Sua bondade para conosco. Quando nos separamos, procuramos meios de nos mantermos ligados, empregando a negligência estratégica.

O ministério pastoral tem suas dificuldades; às vezes você se sente como se estivesse solto no ar em meio a uma terrível tempestade. Porém, uma vez que admitimos essas dificuldades, isso não importa muito desde que nos lembremos disso: “Posso todas as coisas nAquele que me fortalece” (Fp 4:13). **IM**

### Referências:

<sup>1</sup> Paul Tsongas, *Heading Home* (Nova York: Knopf, 1984), p. 160.

<sup>2</sup> Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 204.

<sup>3</sup> “The Secret of Strategic: Bill Hybels on the Keys to Simpler and More Effective Leadership”, *Leadership Journal* 37, nº 1, 2015.

<sup>4</sup> Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, p. 70.

## Principais estressores do pastor

Preocupações financeiras: gastos mensais e aposentadoria	70%
Separar tempo para devoção pessoal	67%
Tempo livre com a família	67%
Tensões com transferências	58%
Falta de amizades verdadeiras – ligações emocionais	57%
Pobres mecanismos para enfrentar problemas como, por exemplo, compulsão alimentar, dependência da mídia, pornografia	40%



# Seja um adventista BEM-INFORMADO

Douglas Assunção / Imagem: Fotolia



conheça

saiba

compartilhe

opine



A *Revista Adventista* é indispensável para todo adventista. Por meio dela você fica sabendo de tudo o que acontece em nossa igreja. Torna-se um formador de opinião. Ganha conteúdo teológico. Alimenta sua vida espiritual. Com visual agradável e excelente conteúdo, a *Revista Adventista* faz de você um membro bem-informado.

ASSINE POR APENAS R\$ 24,00  
0800-9790606 | [cpb.com.br](http://cpb.com.br) | CPB livraria

Envie um SMS para o número 28908 com a mensagem CPBLIGA e entraremos em contato com você.





Cortesia do autor

# Um caminho para o líder cristão

**Há um novo tipo de liderança para a igreja do amanhã. Necessitamos dele na igreja de hoje**

**O**s pastores necessitam de habilidades para liderança eficaz. Adquiri-las é um processo de toda a vida. Aulas no seminário são apenas o ponto de partida. Cada situação provê um desafio novo que pode levar a um modelo diferente. Henri J. M. Nouwen escreveu: “Um novo tipo de liderança é requerido para a igreja de amanhã, uma liderança que não seja modelada pelo jogo de poder do mundo, mas pelo Líder-servo Jesus, que veio dar a vida para resgate de muitos... O caminho do líder cristão não é o caminho da mobilidade ascendente, mas o caminho da mobilidade descendente que termina na cruz.”<sup>1</sup>

## Preparando para o êxito

Jesus investiu longos dias demonstrando para Seus discípulos a vida no reino. Às vezes, eles poderiam ter usado o jogo de poder do mundo, mas Jesus pacientemente insistiu no caminho do amor. Ensinou-lhes: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus” (Mt 5:16).

Mateus 10 é o que chamo de manual de Jesus para liderança. Ele ensinou isso aos discípulos e então os enviou dois a dois para colocar em prática o manual. Estava estabelecendo o alicerce para o sucesso deles. Pastores experientes, abençoados com a responsabilidade de mentorear pastores jovens têm como objetivo contribuir para

o êxito deles. Isso requer tempo, instrução, confiança, envio correção e afirmação.

## Cuidadoso e compassivo

Uma forma de ajudar outros a ter êxito é ser cuidadoso, solícito e compassivo. Eu estava no meio de uma partida de baseball num acampamento de verão quando recebi a visita do presidente da Associação. Ele tinha viajado quase uma hora para me dar a má notícia. Minha esposa estava no hospital por causa de um aborto. Com o braço ao redor dos meus ombros, ele disse: “Volte para casa e fique um bom tempo cuidando de sua esposa. E não desconte isso das férias.”

O mesmo líder estava no auditório, sentado na última fila, numa noite durante minha deficiente primeira tentativa de evangelismo público. No fim da palestra, convidei o povo para que aceitasse Jesus como Salvador e Senhor. Ele sentiu que eu estava pouco à vontade com aquele apelo. Na saída, ele me disse: “Sua fala foi muito boa; mas, lembre-se de que as melhores decisões são feitas nos lares, não em público.” Sua compaixão ficou em minha mente durante décadas. Invejo esse tipo de liderança.

## Tentativa de novos caminhos

Frequentemente, Jesus Se encontrou “pintando fora das linhas tradicionais” do judaísmo. As pessoas ficavam entusiasmadas diante de Sua abordagem nova sobre

a vida no reino. Ele usava uma forma diferente de ensinar pessoas de origens e classes diferentes.

Certo dia, meu pastor me disse que tinha uma pilha de manuais sobre evangelismo. Porém, acabou descartando todos eles, porque ele gosta de usar a criatividade e, à sua maneira, levar pessoas a Jesus. Parabenizei-o por “pintar fora das linhas”.

Uma jovem notou que em sua igreja os métodos tradicionais de evangelismo não funcionavam. Ela e outros jovens resolveram fazer algo novo. Então se dispuseram a pintar o albergue dos sem-teto da cidade. Também serviram aos internos e conseguiram alimentos. Distribuíram rosas nas ruas, para comerciantes e transeuntes. Um homem cego que fazia compras recebeu uma rosa. O guia que o acompanhava também recebeu e perguntou: “Onde fica sua igreja? Esse é o tipo de igreja que eu gostaria de frequentar.”

Líderes efetivos não dependem apenas de programas gerados no topo da hierarquia. Eles incentivam o planejamento na base da pirâmide, como fez aquele grupo de jovens.

Há um preço a ser pago pela liderança que colore fora das linhas. Estigma de deslealdade, rebelião e orgulho podem ser atribuídos a esse tipo de liderança. Mas a liderança efetiva evita essas acusações, tendo boa vontade de explicar os métodos antes de implementá-los.

## Fora das torres de marfim

Perguntei à secretária social de um famoso médico a razão pela qual seu hospital mundialmente conhecido havia falido. Ela não titubeou: “Foi a torre de marfim.” O diretor pensava que seus métodos fossem os únicos! Médicos jovens não tinham privilégios, por isso acabaram fundando seu próprio hospital para a comunidade.

O diretor de outro hospital, mergulhado em débitos, foi sábio. Ele formou uma comissão que criou um plano para reduzir o débito. Então o executivo gastou tempo em cada departamento buscando ideias para economizar. Seu escritório estava sempre aberto a qualquer empregado. Isso conquistou confiança e cooperação. Em dois anos, o hospital estava sem débitos.

Poucos anos depois, aquele hospital foi adquirido por outra organização. Os líderes passaram a dar ordens. A comissão foi dissolvida, e a confiança decaiu. O hospital foi novamente vendido a outro grupo. O conceito de torre de marfim de liderança falhou.

Líderes efetivos nunca insistem que sua maneira de liderar seja a única. Eles costumam se aconselhar com muitas pessoas e estão prontos a aceitar a melhor ideia.

## Conhecimento das pessoas

George Pocock praticou uma liderança muito hábil. Pocock construiu um barco e treinou nove jovens remadores que ganharam a medalha de ouro nas olimpíadas de Berlim em 1936. Ele aprendeu muito sobre o coração e alma dos jovens. Viu esperança onde um garoto pensava que não havia esperança, e habilidade onde ela estava ofuscada pelo ego ou ansiedade. Notou a fragilidade da confiança e o poder redentor da confiança. Pocock foi um líder verdadeiro.<sup>2</sup>

Seja o líder que conhece o nome das pessoas e vê além dos nomes.

## Mãos sujas

Certa ocasião, durante uma campal, tivemos que montar e desmontar tendas para as famílias. Isso pareceu difícil para alguns pastores desacostumados com o

trabalho duro. Mas, com muito esforço, as tendas foram armadas. De repente, observei o presidente da Associação tentando erguer uma tenda. Apreciei ver o líder trabalhando com os liderados. Isso foi mais importante do que dar ordens.

Em um programa de televisão chamado *Undercover Boss* [Chefe Secreto], o proprietário de uma grande empresa disfarça sua identidade e trabalha em muitas funções na empresa. As pessoas com as quais o disfarçado trabalha pensam que ele é um novo empregado. O resultado disso é que, trabalhando ao lado de pessoas que lutam arduamente para ganhar a vida, o proprietário é levado a melhorar os salários e as condições de trabalho. Calçar os sapatos de um liderado ajuda a abrir os olhos.

## Aprendizado constante

Uma graduação em liderança obtida no século 20 pode não capacitar você para exercê-la no século 21. Hudson T. Armerding escreveu: “Simplesmente ter mais tempo de vida não qualifica uma pessoa para ser líder... O líder efetivo está continuamente buscando aprender de suas experiências e se tornar ainda mais proficiente em seu trabalho.”<sup>3</sup> Leith Anderson disse que um líder deve manter uma “linha de aprendizagem”.<sup>4</sup>

Um pastor metodista no Texas sempre argumentava que um líder de pastores deveria voltar a pastorear uma igreja a cada quatro ou cinco anos. Não existe nada melhor do que aprender fazendo, ele insistia.

Certo administrador de igreja percebeu quão desatualizado estava ficando e lutou contra isso. Meses depois, ele renunciou à função de liderança e se tornou pastor de igreja numa grande cidade. Esteja disposto a aprender continuamente e a ser guiado pelo Espírito Santo para onde Deus determinar que você trabalhe.

## O amanhã é hoje

O líder que nunca questiona não merece ser líder. Por que eu estou fazendo isso? Essa é a melhor maneira de fazer isso?

O que eu estou realizando faz alguma diferença? O que eu estou fazendo é resultado de minhas pesquisas, ou é apenas impulso de ordens superiores? Sou entusiasmado com o que estou fazendo? Estou disposto a ser avaliado por outros?

Deixar de fazer perguntas pode levar à ineficácia, lealdade cega às tradições gastas pelo tempo, e ao desperdício.

Pastores que dependem de outro líder para dizer a eles o que e como devem fazer estão se privando das emoções da criatividade e inovação. Líderes que se curvam às pressões estão construindo a própria mediocridade.

Nossos jovens hoje estão fazendo importantes perguntas. Mas os líderes não precisam ter medo delas; são apenas portas para uma igreja crescente em um mundo de mudanças. No mundo em que os jovens vivem, cada fase da vida está em transformação. Alguns trabalham em grandes empresas que os convidam a dar opiniões e ideias. Isso cria lealdade e entusiasmo pela empresa. Eles desejam essa mesma abertura na igreja, mas alguns líderes não compartilham a mesma esperança.

Parece haver um novo interesse no aprimoramento da liderança na igreja. Estudiosos estão expressando a necessidade de *mobilidade descendente* no estilo de liderança, um estilo que promete renovar o interesse e o engajamento entre os jovens. Nouwen falou a respeito de um novo tipo de liderança na igreja do amanhã. Precisamos dele na igreja de hoje. **IV**

### Referências:

<sup>1</sup> Henri M. Nouwen, *In the Name of Jesus* (Nova York: Crossroads, 1989), p. 45, 62.

<sup>2</sup> Daniel James Brown, *The Boys in the Boat: Nine Americans and Their Epic Quest for God at the 1936 Berlin Olympics* (Nova York: Penguin Books, 2013), p. 48.

<sup>3</sup> Hudson T. Armerding, *Leadership* (Wheaton, IL: Tyndale House, 1981), p. 39, 154.

<sup>4</sup> Leith Anderson, *Leadership That Works: Hope and Direction for Church and ParaChurch Leaders in Today's Complex World* (Mineápolis, MN: Bethany Press, 1999).



Gentileza do autor

# Desfrute sua **VOCACÃO**

## Estratégias que farão você dar a Deus o seu melhor, e por mais tempo

A declaração do meu amigo pastor, ao telefone, pareceu autêntica e enfática: "Omar, estou desistindo do ministério!" Ele continuou falando sobre o estresse e as frustrações experimentados ao ministrar à igreja, às famílias e ao mundo.

O que poderia ter levado meu amigo a se sentir tão desanimado? Ele tinha mais de uma década de variadas experiências pastorais. Era um pastor expressivo e tinha grande capacidade de relacionamento. Era pregador efetivo, sábio conselheiro, tinha facilidade para resolver problemas e era bom administrador.

Quando ele parou de falar, perguntei-lhe se tinha havido alguma mudança repentina em seu trabalho ou vida pessoal. Sua resposta foi tão rápida quanto surpreendente: "Não! É justamente a rotina; esse é um trabalho contínuo. Sinto que estou sempre entrando e saindo de uma crise após outra. Nunca estou calmo! Isso me desgasta!"

Depois de ouvi-lo, respondi: "Parece-me que você está se esgotando, ou à beira disso."

Meu amigo ficou espantado! Admitiu que jamais havia considerado isso como sendo seu problema. Continuamos conversando sobre a possibilidade de fazer algumas mudanças importantes em sua vida pessoal, familiar, emocional, social e espiritual, bem como no trabalho, tudo com o objetivo de garantir a continuidade do seu ministério frutífero, alegre e efetivo.

### Estratégias simples

Todos os meses, cerca de 1.800 pastores deixam o ministério.<sup>1</sup> A razão principal é o esgotamento.<sup>2</sup> De acordo com um artigo publicado pelo jornal *New York Times*, 40% dos pastores e 47% das respectivas esposas sofrem de esgotamento, horários irregulares e expectativas irreais. E 45% dos pastores dizem que têm experimentado depressão ou esgotamento, em um nível tão amplo que precisam ficar fora do ministério durante um tempo, ou até mesmo deixá-lo.<sup>3</sup> Os números são sombrios, mas você não precisa se tornar um deles! Aqui estão nove maneiras pelas quais é possível ser proativo e se proteger contra o esgotamento.

#### **Pense corretamente sobre Deus.**

Muitas vezes os pastores se esquecem de que só podem trabalhar dentro dos limites que Deus estabeleceu para eles. Tendem a querer fazer as coisas em seu próprio poder, em vez de usar o poder colocado por Deus à disposição deles. Esquecem-se de que o mesmo Deus que chama, também capacita, mantém e completa Seus escolhidos.

Essa não é uma questão nova. Note o que aconteceu em uma congregação problemática que Paulo repreendeu: "Quando, pois, alguém diz: 'Eu sou de Paulo', e outro: 'Eu, de Apolo', não é evidente que andais seguindo os homens? Quem é Apolo? E quem

é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isso conforme o Senhor concedeu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento" (1Co 3:4-7).

#### **Pense corretamente a seu respeito.**

Pensar corretamente sobre Deus permite que o pastor coloque a si mesmo na perspectiva apropriada. Então, ele pode desenvolver uma visão honesta sobre suas habilidades, seus dons espirituais e talentos naturais. Paulo escreveu: "Pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um" (Rm 12:3).

Quando os pastores têm expectativas irreais a respeito de si mesmos, eles podem aterrissar em situações difíceis. Essas expectativas podem ter origem na comparação com outros pastores ou no próprio desejo por melhor desempenho. O ponto básico é este: as expectativas devem ser ajustadas para que sejam realistas.

#### **Tenha períodos regulares de solidão.**

O ministério pastoral às vezes pode exigir muito tempo. Alguns pastores se sentem pressionados pelo trabalho, ao longo de toda a semana, muitas horas cada dia. Não encontram tempo para si nem para a



família. Espera-se que o pastor trabalhe 24 horas todos os sete dias. Para ser um pastor de sucesso e cumpridor dos deveres, é necessário estabelecer tempo para cuidar das necessidades pessoais e da família – estudo, oração, exercício, repouso, relax e unidade familiar. Você nunca terá esse tempo, se não o estabelecer. Deus, sua família e sua igreja esperam o melhor de seu ministério.

Conheço pastores que tomam tempo pelo menos uma vez na semana para estar em quietude – talvez em um parque, numa biblioteca ou no escritório, sem interrupções. Esse período pode ser usado para estudar a Bíblia, orar, atualizar-se, ler, ou anotar pensamentos para um futuro sermão. O pastor não deve ser tão estrito em seus compromissos que não possa estabelecer tempo regular para rejuvenescimento, restauração e reajuste do foco.

**Fortaleça seu casamento.** Depois do seu relacionamento pessoal com Deus, o relacionamento com a esposa é o maior fator determinante para seu êxito no ministério. Sua esposa pode ajudar ou estorvar sua efetividade e frutificação para Deus. Portanto, você deve reconhecer a importância de tomar tempo para preencher adequadamente todas as facetas do relacionamento com ela. Quando as coisas ficam estressantes, nada melhor que tomar tempo a sós com a esposa.

Alguns anos atrás, recebi um chamado aflito de um pastor que tivera um ano difícil em seu trabalho. No fim daquele ano, sua esposa propôs o divórcio. A princípio, ele ficou atônito, sem compreender o que nem por que estava acontecendo. Mas, durante um período de separação que ambos impuseram a si mesmos, avaliando honestamente sua parte na situação, ele admitiu que logo depois de se casarem, ele se dedicou integralmente ao ministério e, pouco a pouco, o passar dos anos permitiu que seu relacionamento com a esposa enfraquecesse. O ano de trabalho extremamente difícil que havia passado serviu para

desvendar o último vestígio das ruínas do casamento. Ele e a esposa buscaram aconselhamento, e ele passou a priorizar tempo diário e datas especiais com a esposa.

**Aprenda a perdoar.** O pastor pode ter um ponto cego sobre determinado tema e não perdoar outros nem a si mesmo. Todos nós vivemos neste mundo pecaminoso e fraturado, e vivemos entre pessoas que algumas vezes prejudicam em vez de ajudar. Uma coisa que tenho aprendido sobre relações humanas é que as pessoas prejudicadas acabam prejudicando outras. A falta de compreensão do pastor quanto a esse assunto pode prejudicar sua sensibilidade espiritual. Jesus nos deixou este poderoso conselho a respeito do perdão: “Se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas” (Mt 6:14, 15).

**Faça amizades.** Ninguém é uma ilha. Todos necessitamos interagir. Nas palavras do apóstolo Paulo, “levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6:2). Infelizmente, a realidade é que muitos pastores são lobos solitários, não têm amigos. Mas a vida e o pastorado serão muito mais fáceis e enriquecidos se houver conexão entre o pastor e outra pessoa que tenha os mesmos interesses e objetivos. Pessoas as quais ele possa amar e aceitar incondicionalmente, e a ele retribuam a mesma coisa.

**Converse.** Procure encontrar pessoas com as quais você possa falar aberta e honestamente sobre seus altos e baixos. “Como o ferro com o ferro se afia, assim, o homem, ao seu amigo” (Pv 27:17). Essa pessoa não precisa ser um conselheiro ou terapeuta especializado. Estabeleça tempo regular para conversar com ela sobre os mais profundos anseios do seu coração, sobre feridas, necessidades e expectativas insatisfeitas.

**Estabeleça limites.** Diga “não” quando achar necessário fazer isso. Os membros de sua igreja e seus amigos vão procurá-lo trazendo muitas questões, mas você tem limitações e não pode fazer tudo. Não negligencie o tempo que deve dedicar à esposa e aos filhos. Aprenda a delegar as tarefas administrativas menos importantes aos anciãos, diáconos e líderes de departamentos.

**Cultive interesses variados.** Estabeleça e desenvolva um *hobby* ou interesse. Faça alguma coisa que o restaure fisicamente, emocionalmente e espiritualmente. Pode ser algo simples como ler um bom livro, ouvir boa música durante alguns minutos no dia, ou cultivar o jardim. Separe tempo para cultivar esses interesses à parte do ministério em si, e colherá resultados positivos. Leve a sério o conselho de Salomão: “Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem de seu trabalho. No entanto, vi também que isto vem da mão de Deus, pois, separado deste, quem pode comer ou quem pode alegrar-se? Porque Deus dá sabedoria, conhecimento e prazer ao homem que Lhe agrada; mas ao pecador dá trabalho, para que ele ajunte e amontoe, a fim de dar àquele que agrada a Deus” (Ec 2:24-26).

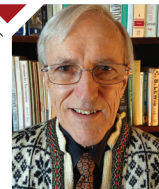
As exigências do ministério no século 21 podem verdadeiramente ser desafiadoras e exaustivas, mesmo para o mais dedicado e efetivo servo de Deus. Entretanto, discernimento e uso sábio de estratégias, como as que foram mencionadas aqui, podem habilitar você a evitar o colapso e dar a Deus seu melhor no ministério e durante toda a vida. **M**

#### Referências:

<sup>1</sup> “About Us Information”, Standing Stone Ministry, [www.standingstoneministry.org](http://www.standingstoneministry.org), acessado em 29/12/2013.

<sup>2</sup> “Top 2 Causes for Pastors Leaving Ministry and More Statistics”, *Ibid*.

<sup>3</sup> George Stahnke, “Dealing with Burnout”, Thriving Pastor, [www.thrivingpastor.org](http://www.thrivingpastor.org), acessado em 29/12/2013.



gentileza do autor

# Conforto para destinatários sofredores

Uma carta cheia de promessas animadoras a cristãos de ontem e de hoje

**E**ra um pequeno grupo de crentes, não mais que trinta, que compartilhavam uma experiência comum de sofrimento.<sup>1</sup> Haviam deixado a garantia e a segurança de uma identidade que somente uma comunidade unida podia oferecer na forma de uma sinagoga do primeiro século.<sup>2</sup> O judaísmo era uma religião reconhecida e disseminada no mundo greco-romano. A maioria dos judeus do primeiro século pensaria ser loucura arriscar a relativa segurança de sua comunidade pelas incertezas do incipiente movimento de Jesus.

Pior ainda, eles sofriam o escárnio por parte daqueles que não compartilhavam suas crenças em Jesus Cristo. Antigos companheiros amontoavam abusos verbais sobre aquele grupo que havia comprometido sua herança para seguir a Jesus, o judeu crucificado. “Onde está Jesus agora?”, eles zombavam. “Onde estão seu templo

e seu altar?” “Têm vocês alguma aliança com Deus?” “Onde estão sua história e sua tradição?”

O pastor daquele grupo de cristãos estava ausente, mas esperava ser “restituído [a eles] mais depressa” (Hb 13:19). Porém, não deixou de escrever uma palavra de encorajamento, junto a uma série de grandes advertências. Aquela carta é o que hoje conhecemos como a Epístola aos Hebreus.

## As lutas

Aqueles cristãos tinham enfrentado “grande luta e sofrimentos; ora expostos como em espetáculo, tanto de opróbrio quanto de tribulações” (Hb 10: 32, 33). Alguns haviam sido lançados em prisões. Muitos tiveram suas propriedades espoliadas (v. 34), provavelmente enquanto estavam presos.

A ênfase de seu pastor sobre a comunidade e a dor compartilhada é firme:

“Lembrai-vos dos encarcerados, como se presos com eles; dos que sofrem maus tratos, como se, com efeito, vós mesmos em pessoa fôsseis os maltratados” (Hb 13:3). Eles tinham visto a morte face a face, enquanto lutavam contra a hostilidade de sua comunidade anterior (Hb 12:3, 4).

Alguns estavam prestes a abandonar sua confiança e retroceder (Hb 10:35, 38, 39). De fato, alguns estavam se afastando da mensagem que tinham ouvido (Hb 2:1); e outros, caindo no hábito de negligenciar a congregação (Hb 10:25). Suas mãos estavam desfalecidas, e seus joelhos, trôpegos; retrocediam em vez de avançar (Hb 12:12). Corriam o perigo de se afastar (Hb 6:6), de rejeitar o Filho de Deus (Hb 10:29), de cansar e se acovardar (Hb 12:3) e de ser desviados da fé (Hb 13:9). Na verdade, o pastor temia que eles crucificassem novamente o Filho de Deus e O expusessem à ignomínia (Hb 6:6).

Aquela era uma comunidade que necessitava de exortação e encorajamento.

## A resposta do pastor

O primeiro tema que o pastor dos hebreus buscou esclarecer em sua exortação foi a antiguidade e superioridade da fé em Jesus, o Filho eterno, por meio de quem Deus tinha falado (Hb 1:2, 3). Como Filho (Sl 2:7; 2Sm 7:14), Ele era superior a todos os mensageiros (anjos), por meio dos quais o Senhor havia falado “aos pais” (Hb 1:1, 5), incluindo Moisés (Hb 3:1-6). O autor afirmou isso como sequência das passagens do Antigo Testamento aplicadas por ele a Jesus (Dt 32:43; Sl 45:6, 7; 102:26-28; 11:1). Em Hebreus 1:10, “Senhor” se refere a Jesus.<sup>3</sup> Ele é o Agente criador de Deus (v. 2, 3) que lançou “os fundamentos da Terra” e criou os céus (v. 10). Embora seja dito que “todos eles envelhecerão qual vestido”, o Filho permanece para sempre (vs. 8, 11, 12).

O pastor dos hebreus lembra que temos um sumo sacerdote, um sacrifício, um santuário, um concerto, uma terra prometida e uma cidade escolhida. Temos “Jesus, o Filho de Deus... grande sumo sacerdote” (Hb 4:14), que é “sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 6:20). Jesus, “porque continua para sempre, tem o Seu sacerdócio imutável” (Hb 7:24), já que a morte impedia que os sacerdotes levitas continuassem no cargo (v. 23). Os sumos-sacerdotes ofereciam sacrifícios; “era necessário que também Esse sumo-sacerdote tivesse o que oferecer” (Hb 8:3), e isso Ele fez “uma vez por todas, quando a Si mesmo Se ofereceu” (Hb 7:27), “para aniquilar, pelo sacrifício de Si mesmo, o pecado” (Hb 9:26).

Sangue de touros e bodes tratavam apenas a poluição exterior, mas era inadequado para purificar a realidade do pecado interior (Hb 9:9, 10; 10:4, 11). A morte (o sangue) de Jesus é a poderosa força que santifica (Hb 10:10; 13:12), aperfeiçoa (v. 14), perdoa (v. 18) e purifica o pecado no mais profundo nível do coração humano (v. 22). “Por isso mesmo”, Jesus “é o Mediador

da nova aliança [ou promessa]” (Hb 9:15; 12:24); na realidade, “de superior aliança” (Hb 8:6). Essa nova aliança conquistou o que a antiga apenas prefigurava; ou seja, “a promessa da eterna herança” (Hb 9:15), “remissão” (Hb 10: 17, 18), acesso à presença de Deus (Hb 9:24) e “a plena certeza da esperança” (Hb 6:11), uma esperança que é “segura e firme” (v. 19). O acesso franco à presença de Deus conquistado pela morte de Jesus serviu de ânimo para que os fatigados cristãos hebreus avançassem com plena certeza e confiança (Hb 3:6, 14; 4:16; 19:19-22, 35; 11:1; 13:6).

Assim, o pastor deu a seu rebanho a garantia da posse de Jesus como seu Sumo Sacerdote, a morte dEle como seu sacrifício, o próprio Céu como seu santuário (Hb 9:24), o novo concerto como sua garantia divina, uma pátria celestial como sua terra superior (Hb 11:15, 16) e a Jerusalém celestial como sua cidade – a “cidade do Deus vivo” (Hb 12:22; 11:10), 16). Usando seu adjetivo favorito, os cristãos<sup>4</sup> têm um Líder superior (Hb 1:4), uma esperança superior (Hb 6:9; 7:19), uma aliança superior e promessas superiores (Hb 7:22; 8:6), superior sacrifício (Hb 9:23), “patrimônio superior” (Hb 10:34), país superior (Hb 11:16), superior ressurreição (v. 35) e futuro superior (v. 40).<sup>5</sup>

## Chamado à perseverança

O pastor chamou a atenção para dois exemplos daqueles que suportaram sofrimento mas não cederam: Jesus e os antigos heróis da paciência. O Salmo 8, lembrou o pastor, fala que os seres humanos deviam ser coroados de glória e honra e que todas as coisas deviam ser sujeitas a eles. Entretanto, ainda não vemos isso. Na verdade, vemos que “Jesus, por causa do sofrimento e da morte, foi coroado de glória e honra” (Hb 2:5-9), foi capaz de Se tornar “misericordioso e fiel sumo sacerdote” (v. 17, 18). Embora fosse Filho, conheceu o que significa permanecer firme, apesar do que sofreu (Hb 4:15; 5:8).

As provações que a comunidade enfrentou por causa de sua fé a uniu com o

sofrimento de Cristo, “o Autor da salvação deles”, que, pelo sofrimento, foi preparado para desempenhar Sua função (Hb 2:9). Jesus provou a morte por todos, e por Sua morte Ele separou a pequena comunidade, e nós também, para Deus (Hb 10:10, 14). Aquele cujo sofrimento consagra (ou seja, o Filho) e os consagrados (ou seja, os crentes) são unidos ao Pai, e “por isso, Ele não Se envergonha de lhes chamar irmãos” (Hb 2:11).<sup>6</sup> Para confirmar o relacionamento familiar entre Jesus e os cristãos, o pastor evocou três textos do Antigo Testamento: Salmo 22:22; Isaías 8:17, 18. A primeira referência apresenta Jesus testemunhando a Seus irmãos no contexto da comunidade adoradora (Hb 2:12). A segunda O mostra declarando Sua confiança em Deus, mesmo no contexto de Seu sofrimento, o que representa um claro encorajamento a seus destinatários (v. 13). Na última, Jesus fala dos crentes como filhos que Deus Lhe deu (v. 13).

A identidade de Jesus com os cristãos hebreus era real. Ele também partilhou da mesma carne e do mesmo sangue (v. 14). Tornou-Se, em todo os aspectos, igual a Seus irmãos e irmãs. O propósito dessas duas cláusulas é esclarecer como Ele Se tornou um ajudador humano da “descendência de Abraão” (v. 16): “para que, por Sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, o diabo” (v. 14), e “por isso mesmo... Se tornasse... misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo” (v. 17). O objetivo do autor nesse capítulo é claro: “Pois, naquilo que Ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados” (v. 18); um sentimento que é repetido em 4:15: “Não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-Se das nossas fraquezas; antes, foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4:15).<sup>7</sup>

A uma congregação cansada e hesitante (Hb 6:11, 12) foi bastante tranquilizador aprender que a promessa do repouso de



Deus ainda estava aberta diante do Seu povo peregrino.<sup>8</sup> O repouso de Deus tem sua origem no relato da criação (Hb 4:4) e ainda estava disponível na geração do Êxodo. Mas aquela geração falhou em entrar nesse descanso, por causa da falta de fé perseverante (Hb 3:16-19; 4:2, 6). A liderança de Josué sobre os sobreviventes do deserto à terra prometida não foi o cumprimento final da entrada no descanso de Deus (v. 8). Se assim fosse, Davi, muitos anos depois, não teria falado de “hoje” (Sl 95:7): “de novo, determina certo dia, hoje, falando por Davi muito tempo depois [do Êxodo], conforme antes fora declarado: ‘Hoje, se ouvirdes a Sua voz, não endureçais o vosso coração’” (Hb 4:7). O pastor instou com sua congregação a não imitar os descrentes da geração do deserto, mas a envidar todo esforço para entrar no futuro descanso de Deus (v. 11).<sup>9</sup>

## O futuro

A ligação de sofrimento e esperança futura no capítulo 11 reflete a convicção do escritor no sentido de que o abuso é uma possibilidade real para aqueles que atendem o chamado de Cristo para reafirmá-Lo publicamente e corajosamente (Hb 3:6; 4:16; 10:19, 35). Igualmente, o escritor convidou seus leitores a olhar pela fé a um futuro de segurança graças às conquistas de Jesus Cristo (Hb 11:1, 3).<sup>10</sup> Fé é a capacidade de ver o futuro invisível de Deus e dele ter certeza, à semelhança de Noé, que, advertido a respeito de coisas nunca vistas, preparou uma arca (v. 7), e Abraão que saiu não sabendo para onde ia, porém viu adiante a cidade de Deus (v. 8, 9).

Os patriarcas viram as promessas de Deus a distância, e desejaram a cidade futura (v. 13-16). Isaque abençoou seus filhos com os olhos no futuro (v. 20). José viu o retorno a Canaã e deu instruções a respeito de seu sepultamento ali (v. 22). Moisés sofreu com o povo de Deus, preferindo ao conforto do Egito o opróbrio de Cristo, porque viu O invisível (v. 25-27).<sup>11</sup> Em hebreus 11, a “ênfase é sobre os atos de

fidelidade” e a fé perseverante, que transforma “a esperança em realidade e o invisível em visível”.<sup>12</sup> Os olhos da fé podiam ver o futuro não muito longe. O rebanho do pastor estava entre aqueles “que não de herdar a salvação” (Hb 1:14), pois o mundo por vir lhes pertence (Hb 2:5). Enquanto isso, eles deviam agarrar a esperança que está à frente (Hb 6:18) e avançar em direção a ela, suportando as provações como disciplina divina (Hb 12:7-11).

A descrição em Hebreus 11:32-40 começa listando os triunfos de alguns juizes do Antigo Testamento e termina com Davi e os profetas. Então, subitamente, passa a apresentar uma lista de calamidades nos versos 35-38. A lista é espantosa: tortura, escárnio, açoites, prisões, apedrejamento, serrados ao meio, assassinio pela espada, desamparo, perseguição e maus tratos. Os antigos exemplos de fé, pessoas que completaram a carreira, deviam falar àqueles cansados cristãos hebreus e incentivá-los a perseverar (Hb 12:1, 2).<sup>13</sup>

Em sua luta contra aqueles que se opunham a eles, aquele grupo de primitivos cristãos hebreus ainda não havia sofrido ao ponto de derramar sangue (v. 4), mas Jesus tinha passado por essa experiência (Hb 2:9, 10, 18; 5:8; 9:26; 13:12). O Autor e Consumador da fé, Jesus, terminou a carreira tendo suportado “tamanho oposição dos pecadores”, mesmo assim “suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia” (v. 3, 2). Sabiamente, o pastor admoestou seu rebanho a fixar o olhar em Jesus e contemplar Aquele que suportou tamanho sofrimento, e, pela fé, dirigir-se ao lugar em que Ele já está (Hb 6:19, 20; 10:19-22).

Quando o autor citou dois textos animadores do Antigo Testamento (Dt 31:6; Sl 118:6), ele não disse apenas “tenham um bom dia”. Seus textos foram apropriados à real situação dos leitores:

“De maneira alguma, te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?”

Então, o chamado era para sair do campo de Israel “levando o Seu vitupério”, sabendo que os crentes não tinham uma cidade permanente aqui mas deviam olhar para o futuro, para a segura cidade de Deus (Hb 13:13, 14).<sup>14</sup> **M**

## Referências:

- <sup>1</sup> William L. Lane sugere um agrupamento de 15 a 20 pessoas. Ver William L. Lane, *Hebreus 1-8, Word Biblical Commentary*, (Dallas: Word, 1981), v. 47a, iii.
- <sup>2</sup> F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews, New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990), p. 3-9; P. T. O'Brien, *The Letter to the Hebrews, Pillar New Testament Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990), p. 9-13. Possivelmente, eles não tinham cortado inteiramente seus laços com o antigo judaísmo.
- <sup>3</sup> F. F. Bruce, *Op. Cit.*, p. 63.
- <sup>4</sup> “Cristão” é um anacronismo, mas é usado por conveniência.
- <sup>5</sup> Hebreus usa o adjetivo comparativo “melhor”, “superior”, 12 vezes, o que representa 71% do uso total que faz o Novo Testamento.
- <sup>6</sup> Literalmente “irmãos”, porém a versão inclusiva da NRSV é verdadeira para o significado geral do texto.
- <sup>7</sup> Não devemos ler interpretar esse verso como apoiando o perfeccionismo, que advoga a possibilidade de atingirmos a perfeição nesta vida. Trata-se apenas de um encorajamento pastoral prático, dirigido a um grupo de cristãos enfrentando problemas, e sendo incentivado a perseverar mesmo quando a jornada cristã se torna extremamente difícil.
- <sup>8</sup> William G. Johnsson, *Journal of Biblical Literature* 97 (1978), p. 239-251.
- <sup>9</sup> A referência ao sábado (Hb 4:9) é ilustrativa do futuro Descanso de Deus. Não prova a natureza do quarto mandamento. Entretanto, desde que a abordagem foi feita muito provavelmente a cristãos judeus observadores do sábado, é uma ilustração muito significativa.
- <sup>10</sup> Apenas a Epístola aos Romanos (40 vezes) usa a palavra “fé” (*pistis*) mais frequentemente que a Epístola aos Hebreus (32 vezes). O significado em Hebreus não é idêntico à nuance que Paulo dá na carta aos romanos.
- <sup>11</sup> Note o poderoso paradoxo.
- <sup>12</sup> *Seventh-day Adventists Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1957), v. 7, p. 471; William G. Johnsson, *The Abundant Life Bible Amplifier: Hebrews* (Boise, ID: Pacific Press, 1994), p. 205.
- <sup>13</sup> Norman H. Young, *Australian Biblical Review* 51 (2003), p. 47-59.
- <sup>14</sup> \_\_\_\_\_, *New Testament Studies* 48, n.º 2 (2002), p. 243-261.



Gentileza do autor

# A igreja em tempos de crise

Exemplos e lições do passado que nos ensinam a enfrentar o conflito vindouro



A experiência de guerra vivenciada por Guilherme Miller como tenente na batalha de Plattsburg, onde o exército do qual ele fazia parte obteve uma vitória praticamente impossível, ilustra de diversas maneiras a reação do cristão durante momentos de crise e, de certa forma, também apresenta alguns paralelos com a história da Igreja Adventista.

Para Miller, a batalha de Plattsburg, ocorrida em setembro de 1814, foi o ponto-chave para que o deísmo não mais fizesse parte de seu vernáculo de fé. A partir do resultado daquele conflito, que o impressionou com a verdade de que existe “um poder mais forte do que o homem”,<sup>1</sup> ele começou a acreditar em um Deus que age na História.

Outro episódio crítico e modulador foi

o desapontamento de 22 de outubro de 1844. Um evento decisivo para delinear a doutrina do santuário, um dos pilares doutrinários da Igreja Adventista, o qual revela “um completo sistema de verdades, conectado e harmonioso”.<sup>2</sup>

Ainda nesse sentido, enquadra-se a assembleia da Associação Geral de 1888, realizada em Mineápolis, “um dos mais tristes capítulos na história dos crentes na verdade presente”.<sup>3</sup> No entanto, a partir desse incidente, a Igreja compreendeu com maior clareza a importante doutrina da justificação pela fé.

A previsão dos últimos capítulos da história da igreja também converge para o paradigma do conflito como fator determinante, sendo que, “o trabalho que a igreja tem deixado de fazer em tempo de paz

e prosperidade terá que realizar sob terrível crise, em circunstâncias mais desanimadoras e difíceis”.<sup>4</sup>

O capítulo 13 do Apocalipse descreve o desfecho desse conflito, através de um mecanismo biunívoco (a besta que emerge do mar e a besta que emerge da Terra) engendrado pelo dragão (símbolo de Satanás) para coagir todos os habitantes da Terra (Ap 13:16). Aquele que não desejar receber a marca da besta terá que passar por uma experiência excruciante que envolve privação econômica, motejo público e ameaça de morte (Ap 13:7, 15, 17).

Nesse sentido, Apocalipse 13 se justapõe ao capítulo 3 de Daniel quanto à batalha que todo ser humano terá que enfrentar. A Bíblia não deixa dúvida de que a lei dos homens se afastará gradual

e progressivamente da lei de Deus, e de que cada pessoa terá que decidir entre elas (At 5:29). Em suma, haverá um desfecho do grande conflito entre a verdade e o erro, um embate final relativo à lei de Deus, uma última batalha entre as leis dos homens e os mandamentos do Senhor, “entre a religião da Bíblia e a religião das fábulas e da tradição”.<sup>5</sup>

Ao longo da História, alguns adventistas se envolveram em episódios em pontos específicos do planeta, e esses eventos servem como microestruturas ilustrativas para entendermos, em parte, o desfecho do grande conflito. Em nível local, destacam-se a guerra civil americana (1861-1865), ocorrida nos Estados Unidos, e o genocídio de Ruanda (abril-junho de 1994). No âmbito global, as duas grandes guerras mundiais.

O objetivo deste artigo é apresentar alguns modelos históricos de fidelidade aos mandamentos de Deus (ainda que sob grande crise e oposição) na Igreja Adventista. É necessário observar que os exemplos negativos, em relação aos princípios pré-estabelecidos pela Igreja para situações beligerantes, não serão citados por não se enquadrarem no propósito do artigo.

## A lei de Deus e a guerra

Sob o contexto dos quatro conflitos citados, serão apresentadas combinações de circunstâncias em que a Igreja, corporativa ou local, teve que tomar decisões que confrontavam a ordem de prioridades da guerra, ou do conflito armado (como no caso de Ruanda), com o que a lei de Deus estabelece como princípio. Essas situações ocorreram porque, de maneira geral, a guerra pressupõe matar, transgredir o sábado e odiar os inimigos, sendo esses fundamentos diametralmente opostos ao quarto e ao sexto mandamentos do decálogo e, mais especificamente, à ordem de Cristo no sentido de amar os inimigos.

## Guerra civil americana

Um exemplo patente da tensão entre a lei de Deus e os fundamentos da guerra

está no pronunciamento da Associação Geral, publicado em maio de 1865, sendo aqueles os últimos dias da guerra civil americana. Ainda que admitindo a autoridade concedida por Deus ao poder civil, a Igreja afirmou a necessidade de “declinar a toda participação em atos de guerra e derramamento de sangue”.<sup>6</sup>

No contexto da guerra civil americana, a Igreja Adventista precisou lidar com a crise em seu período formativo como organização. Em 3 de agosto de 1864, obteve do governo o reconhecimento de seus princípios de não combatência.<sup>7</sup> No entanto, uma crise maior em desdobramentos e consequência surgiria 50 anos depois.

## Primeira guerra mundial

Uma sinopse da preocupação da Igreja no início da primeira guerra mundial está num artigo publicado na *Review and Herald*, em 20 de agosto de 1914: “Ao ler os relatos sobre mobilizações de vastos exércitos e de batalhas em andamento, cada adventista do sétimo dia tem se preocupado profundamente com os nossos irmãos nessas terras conturbadas. Qual será o efeito da guerra sobre eles? Qual será o efeito sobre nosso trabalho em geral? Seria irracional presumir que a Divisão Europeia, que abrange o território que agora é atormentado pela guerra e encharcado com sangue, permaneça incólume. Portanto, é com grande ansiedade que a Associação Geral tem buscado uma palavra direta de nossos irmãos europeus. Nenhuma notícia deles foi recebida desde que a guerra foi declarada até 14 de agosto, quando cartas escritas sob a data de 2 de agosto chegaram aos escritórios da Associação Geral.”<sup>8</sup>

No Reino Unido, depois da Crise de Consciência, em 1918, que tornou obrigatório o alistamento militar, um grupo de quatorze adventistas foi condenado a seis meses de trabalhos forçados em uma prisão militar. Eles foram espancados e torturados por terem se recusado a trabalhar no sábado.<sup>9</sup>

Na África do Sul, em julho de 1918, um recruta adventista se recusou a fazer exercício militar com rifle no sábado, e também foi preso. No entanto, sua fidelidade ao sétimo dia foi um incentivo para as autoridades militares daquele país. Elas mudaram o procedimento em relação aos adventistas, liberando-os para cumprir suas obrigações em outros dias da semana.<sup>10</sup>

Nos Estados Unidos, o ex-presidente Theodore Roosevelt chegou a propor que os objetores de consciência (soldados que se recusavam a pegar em armas ou trabalhar no sábado) fossem colocados na linha de frente das batalhas para que recebessem um tiro.<sup>11</sup> Entretanto, um de nossos irmãos americanos, que trabalhou em uma unidade médica na linha de frente de Soissons, conseguiu, com um companheiro, resgatar um homem ferido, atravessando o campo de guerra sob fogo de artilharia e constantes disparos de metralhadora. Ele foi condecorado com a *Cruz de Guerra* francesa.<sup>12</sup>

## Segunda guerra

Durante esse período, a Igreja mergulhou em um estado de conflito generalizado, sendo atingida em várias partes do mundo. Em 1939, o partido nazista obrigou 90% das igrejas adventistas da Romênia a fechar as portas. Três mil adventistas foram presos, alguns com sentenças de 25 anos.<sup>13</sup>

Na Iugoslávia, muitos membros da igreja morreram como mártires em função da fé que professavam.<sup>14</sup> Na Coreia, Choi Tai Heun, ex-presidente da União Coreana, e o pastor Kim Nei Choon foram presos, torturados e mortos, tornando-se os primeiros mártires adventistas daquele país.<sup>15</sup> Em Bornéu, G. B. Youngberg, pioneiro adventista na União Malaia, morreu em um campo de concentração japonês.<sup>16</sup> Marie Klingbeil, missionária na Indonésia durante 18 anos, também morreu em um campo de concentração.<sup>17</sup>

Na Alemanha de Hitler não havia isenção militar para não combatentes. Isso significa que, durante a segunda guerra mundial,



cada adventista que, segundo o estado, estivesse em condições de combater, era obrigado a portar armas e trabalhar no sábado. Nesse contexto, eles tiveram que enfrentar pessoalmente o problema, e a ajuda veio única e exclusivamente de Deus.<sup>18</sup>

Apesar disso, os adventistas da Alemanha nazista se tornaram notáveis na ajuda privada e individual dada aos judeus. Relatos históricos apresentam adventistas, quakers e testemunhas de Jeová arriscando a vida para salvar judeus, “embora não tenha havido reconhecimento público deste trabalho”.<sup>19</sup>

Entretanto, foi na batalha de Okinawa que um adventista se tornou um dos maiores heróis da segunda guerra mundial. Desmond T. Doss, médico missionário, salvou 75 soldados feridos, carregando-os um a um (sob o fogo da artilharia) e tratando-os em um local seguro. Quando a guerra terminou, Doss recebeu a Medalha de Honra, a maior condecoração militar nos Estados Unidos.<sup>20</sup>

## Genocídio de Ruanda

As histórias de Carl Wilkens e Adele Kangabe Sefuku são exemplos do cumprimento da ordem de amar ao próximo sob situações extremamente difíceis.

Carl Wilkens foi o único americano que permaneceu em Ruanda na época do massacre. Ele era diretor da Adra e coordenava o orfanato de Gisimba. Temendo que fossem assassinadas as crianças de origem tutsi (grupo étnico perseguido na época do genocídio), decidiu continuar no país arriscando a vida. Ele também pleiteou com Jean Kambanda, um dos principais líderes do massacre, pela vida dos órfãos que estavam sob seus cuidados. Sua coragem salvou mais de 400 vidas.<sup>21</sup>

Em abril de 1994, no início do massacre, Adele Kangabe Sefuku testemunhou o assassinato do marido, pastor adventista, e do filho, que foram mortos a golpes de facão por extremistas hutus. Ela também foi golpeada com machetes. Seu crânio foi fraturado, a articulação de um dos punhos

foi parcialmente mutilada e vários de seus dentes foram quebrados. Foi deixada agonizando no chão por cerca de quatro dias. Levada ao hospital, ficou em coma durante 21 dias. Mas, mesmo diante de tudo isso, Adele sobreviveu milagrosamente.

Três meses depois, o massacre de Ruanda resultou em aproximadamente um milhão de mortos. Quase todos os assassinos foram presos. Nesse contexto, e de maneira surpreendente, Adele decidiu fazer trabalho missionário em um presídio onde se encontravam alguns daqueles assassinos. Em uma de suas visitas, enquanto ela distribuía comida e roupa para os presidiários, subitamente, um rapaz se ajoelhou aos seus pés pedindo perdão. Era Luís, o assassino do marido de Adele e quem havia ferido profundamente o crânio dela com um machete, deixando uma grande cicatriz em sua cabeça.

Ela o perdoou e, algum tempo depois, quando o rapaz recebeu a liberdade condicional, ela o adotou como filho. O testemunho de Adele Kangabe Sefuku permanece como uma das mais fortes evidências de alguém que conseguiu cumprir a lei de Cristo, que exige amar ao próximo, diante das circunstâncias difíceis da vida.<sup>22</sup>

## Vitória final

“O relógio do tempo está prestes a badalar a hora mais solene de toda a História.”<sup>23</sup> “Uma grande crise aguarda o povo de Deus. Essa crise vai envolver o mundo. A mais terrível luta de todos os séculos está justamente à nossa frente.”<sup>24</sup> Com essas palavras, em 26 de setembro de 1939, a comissão da União do Norte do Pacífico introduziu um apelo às igrejas de seu território, enfatizando a necessidade de ajudar os campos missionários dos países em guerra.<sup>25</sup>

Entretanto, o capítulo 12 de Daniel menciona que ainda “haverá um tempo de angústia qual nunca houve, desde que houve nação” (Dn 12:1), diante do qual os eventos da segunda guerra mundial e das outras grandes guerras são apenas uma

versão miniaturizada. Mas para aqueles que permanecem fiéis a Deus, a promessa é: “Eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro” (Ap 3:10). E, ao que tudo indica, podemos vislumbrar que esse tempo está bem próximo para o povo de Deus!<sup>26</sup> **M**

### Referências:

- <sup>1</sup> Sylvester Bliss, *Memoirs of William Miller* (Boston, MA: J. V. Himes, 1853), p. 53.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *The Last Call* (Coldwater, MI: Remnant Publications, 2006), p. 423.
- <sup>3</sup> \_\_\_\_\_, *Manuscript Releases*, v. 1, p. 142.
- <sup>4</sup> \_\_\_\_\_, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 5, p. 463.
- <sup>5</sup> \_\_\_\_\_, *O Grande Conflito*, p. 582.
- <sup>6</sup> \_\_\_\_\_, *The Advent Review and Sabbath Herald*, 23/5/1865.
- <sup>7</sup> Francis M. Wilcox, *Seventh-day Adventists in Time of War* (Washington, DC: Review and Herald, 1936), p. 57-59.
- <sup>8</sup> *Review and Herald*, 20/8/1914, p. 24.
- <sup>9</sup> Francis M. Wilcox, *Op. Cit.*, p. 289-293.
- <sup>10</sup> *Ibid.*, p. 318-322.
- <sup>11</sup> “Roosevelt Assails Divided Allegiance”, *The New Times*, 5/7/1917.
- <sup>12</sup> Francis M. Wilcox, *Op. Cit.*, p. 232.
- <sup>13</sup> R. W. Schwarz, *Light Bearers to the Remnant* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1979), p. 437.
- <sup>14</sup> *Review and Herald*, 17/1/1946, p. 18.
- <sup>15</sup> *Ibid.*, 24/1/1946, p. 17.
- <sup>16</sup> *Ibid.*, 8/2/1945, p. 24.
- <sup>17</sup> *Ibid.*, 24/7/1958, p. 7.
- <sup>18</sup> Arthur W. Spalding, *Origin and History of Seventh-day Adventists* (Washington, DC: Review and Herald, 1962), v. 4, p. 256, 257.
- <sup>19</sup> Christine E. King, *The Nazi State and the New Religions* (Nova York, NY: E. Mellen Press, 1982), v. 4, p. 101, 102.
- <sup>20</sup> *Review and Herald*, 1/11/1945, p. 2.
- <sup>21</sup> M. Mohan, “Rwanda genocide”, *BBC News Africa*, 7/4/2011.
- <sup>22</sup> Adele K. Sefuku, “Through the shadow of death”, *Shepherdess International Journal*, out-dez 1995.
- <sup>23</sup> Nicholas M. Butyler, *A World in Ferment* (Nova York, NY: Charles Scribner’s Sons, 1918), p. 249.
- <sup>24</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a igreja*, v. 5, p. 711.
- <sup>25</sup> *North Pacific Union Gleaner*, 26/9/1939 (Washington, DC), p. 1.
- <sup>26</sup> Roland G. Usher, *The Challenge of the Future* (Nova York, NY: Grosset & Dunlap Publishers, 1916), p. 7.





# Leitura para dois

**Sugestões práticas que ajudam a fortalecer o núcleo familiar**

**T**empos atrás, em sua corrida em busca de oportunidades e conquistas inimagináveis, a ciência colocou a serviço do ser humano a possibilidade de dividir o núcleo atômico. Mas essa possibilidade também se tornou uma ferramenta de sofrimento e destruição em grande escala: a bomba nuclear. Por sua vez, aproximadamente seis mil anos atrás, Deus criou homem e mulher e os estabeleceu como núcleo poderoso da família humana. Insatisfeito e com muita astúcia, Satanás não perdeu tempo colocando em ação seus planos maléficos, a partir do ataque a esse núcleo familiar, justamente quando Eva estava momentaneamente distante de Adão. Levando o casal a pecar,



o inimigo lançou uma bomba cuja onda se expandiu e contaminou a criação e todos os aspectos da vida, incluindo a própria família.

Hoje, temos evidências mais do que suficientes para não ter dúvidas quanto aos resultados de um casamento dividido, não apenas depois do divórcio ou separação, mas também durante uma convivência na qual é impossível manter o vínculo, nem que seja amistoso.

## Ameaças à família pastoral

Esse tema é recorrente no dia a dia do pastor. Ele tem que organizar as atividades dos diversos ministérios, preparar sermões, aconselhar jovens em muitos assuntos, incluindo escolha vocacional e no sentido de encontrar a pessoa certa para o casamento. Também deve ajudar na solução de conflitos matrimoniais entre casais influentes ou não, trabalhar e desgastar-se pelos casamentos que se desintegram, evangelizar, administrar e fazer muitas outras coisas. Em muitos casos, o desempenho de tudo isso é feito em detrimento da atenção que ele deve dar ao próprio núcleo familiar, colocando-o em risco.

Apesar de termos conhecimento desse fato, muitos de nós vamos pela vida como se nosso núcleo familiar fosse imune aos perigos, até que aparecem as consequências de nossas ações e decisões. Então, lamentavelmente, começamos a buscar desesperadamente onde, como, quando e por que acabou dividido. Começam as *recriminações*: “Por que me casei com essa pessoa?” “Não tenho que ficar tanto tempo sozinha (ou sozinho).” “Acho que devo escutar mais do que falar.” Aparecem as *queixas*: “Nunca me disseram que a vida de esposa de pastor (ou a vida de pastor) era assim!” “As pressões são insuportáveis, a cabeça está a ponto de explodir!” “Em casa, só encontro problemas, preciso respirar outros ares; faço tudo sozinha!” Surgem também os *temores*: “E se os administradores souberem, o que vão dizer ou fazer a nosso respeito?” “Que acontecerá com nossos filhos?” “Que faremos, se formos afastados do trabalho?”

Admitamos, é fácil aconselhar outras pessoas, mas quando somos atingidos pelos mesmos problemas, muitas vezes ficamos sem saber o que dizer, o que fazer, nem por onde começar. Por essa razão, neste artigo, apresento para as duas partes do núcleo familiar – marido e mulher – seis recomendações com dois objetivos: prevenir contra problemas futuros e tentar resolver os problemas que eventualmente existam.

## Medidas preventivas

**Ouvir e entender.** Diz o apóstolo: “Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar” (Tg 1:19). Tendo esse conselho em mente, é necessário prestar atenção ao que o outro fala, mais do que simplesmente ouvir. Para entender o cônjuge, é preciso querer entendê-lo. Isso é especialmente importante para as mulheres, pois, o fato de sentir-se entendidas lhes transmite segurança e tranquilidade.

**Valorização.** Para valorizar o outro, não é necessário comparar. É imprescindível conhecer, entender e observar. No relacionamento conjugal, externar gratidão pelas coisas que acontecem e são experimentadas todos os dias é muito mais importante do que imaginamos. Valorizar o esposo e agradecer a ele pelo gesto em ter lavado a louça; ou valorizar a esposa e agradecer a ela pela disposição em providenciar a roupa e arrumar a mala para a viagem são apenas alguns exemplos do que pode ser feito.

**Colaboração.** Ajudar nos pequenos trabalhos em casa vai além do que simplesmente fazer o que precisa ser feito. O objetivo deve ser aliviar o fardo da pessoa amada. Muitos casais fazem apenas o que gostam de fazer, mas não o que devem fazer. Nosso cônjuge necessita da nossa empatia.

**Paciência.** A paciência, incluída por Paulo no fruto do Espírito, é uma necessidade no crescimento e fortalecimento do casal. É preciso ter paciência quando o outro está cansado, quando as coisas não são feitas no momento nem na rapidez que desejamos, quando os resultados não são aqueles pelos quais esperamos, quando as reações são diferentes das nossas expectativas... A lista é grande.

**Objetivo claro e realista:** Para que vivemos? Qual é o objetivo de nosso trabalho? Qual é nosso objetivo como família? Essas perguntas devem ser respondidas pelo casal, a fim de que não sejam tomadas decisões divergentes. Isso faz com que o núcleo esteja unido não apenas no objetivo, mas no esforço de contribuir para superar os obstáculos no caminho para a felicidade mútua.

**Tempo especial.** É sumamente importante estabelecer tempo exclusivo para o casal; um período em que marido e mulher possam realizar alguma atividade prazerosa, cômoda e relaxante para os dois. Durante esse tempo exclusivo, devem ser descartadas quaisquer atividades pessoais egoístas que impeçam que o outro se sintam bem. Por definição, tempo exclusivo do casal significa tempo do esposo e esposa sozinhos; longe da presença de amigos, filhos, sem nada que interfira no que precisam e devem realizar juntos. Telefone celular, televisão, computador, nem pensar.

Finalmente, sejamos honestos conosco; não deixemos que nosso título acadêmico nem a função que exercemos “façam nossa cabeça”. Estejamos atentos ao fato de que, quanto mais influência espiritual exercemos sobre as demais pessoas, muito maior esforço o inimigo investirá para que nossa vida pessoal e familiar seja um fracasso. Somos colaboradores do Deus vivo, Seu Espírito é uma promessa real. Ele nos ajudará a não somente pregar, mas a viver como filhos de Deus. **M**



# Igreja decide não ordenar mulheres ao pastorado

Seguramente, o momento mais aguardado da assembleia mundial da Igreja Adventista, realizada nos dias 2 a 11 de julho em San Antonio, Texas, foi aquele em que se discutiu a ordenação de mulheres ao ministério pastoral.

A proposta sobre a qual os delegados teriam que decidir era liberar cada Divisão da Igreja para fazer isso, ou não, em seu respectivo território. Considerando a importância do tema e as expectativas alimentadas em torno dele, um dia inteiro (quarta-feira, 8) foi reservado para sua discussão, coordenada pelo pastor Michael Ryan, vice-presidente da Igreja, jubilado durante a assembleia. É importante ressaltar o empenho dos líderes em discutir amplamente a questão, em um nível altamente espiritual e fraterno, favorável à preservação da unidade denominacional. Isso ficou evidente na mensagem devocional apresentada pelo pastor Alain Coralie, da Divisão Centro-Leste Africana, nos hinos cantados, nos esclarecimentos prestados e nos vários períodos reservados à oração.

No fim da tarde, após os delegados terem defendido com muita ênfase suas opiniões, foi anunciado o resultado da votação secreta: Dos 2.363 delegados presentes, 977 (41,3%) votaram “sim” e 1.381 (58%) votaram “não”. Houve cinco abstenções. Evidentemente, a decisão não significa que as mulheres não vão exercer funções de destaque na Igreja, como sempre fizeram desde o início de sua história.

Tomada a decisão, o pastor Ted Wilson fez novo apelo por unidade e foco na missão, orando pela cura e a unidade que vêm “pelo poder do Espírito Santo”. “Agora é o momento de unificar a igreja sob a bandeira ensanguentada de Jesus Cristo e Seu poder”,

ele afirmou. Para o pastor Mark Finley, agora é preciso deixar para trás a discussão sobre ordenação e alcançar o mundo perdido. Porque, afinal, Cristo é o “sim” de Deus (2Co 1:20) para todos.

## Repercussão externa


A decisão tomada pela assembleia mundial adventista repercutiu no site de um dos jornais mais lidos pelos norte-americanos: o *The Washington Post*.

O porta-voz da Igreja, Garrett Caldwell, foi um dos entrevistados pela reportagem. Caldwell procurou contextualizar a discussão sobre o assunto e disse que não é possível prever quais serão os desdobramentos da decisão.

Buscando uma opinião externa, o veículo de comunicação também ouviu a editora Bonnie Dwyer, da revista norte-americana *Spectrum*, publicação independente de tendência progressista. Ela opinou sobre os possíveis impactos do voto tomado pela Igreja especialmente nos lugares em que começam a surgir movimentos favoráveis à ordenação de mulheres ao ministério pastoral.

O jornal destacou o fato de a votação ter sido o item mais importante e intenso da agenda do evento que acontece a cada cinco anos e considerou que o assunto é tratado de uma perspectiva mais conservadora pela Igreja no Hemisfério Sul.

Outro ponto levantado pelo periódico foi o pedido feito pela liderança mundial adventista para que a Igreja se mantivesse unida a despeito das diferentes opiniões manifestadas sobre o assunto. A matéria chega a citar trechos do discurso feito pelo presidente da Associação Geral, pastor Ted Wilson, após a votação.

– [www.revistaadventista.com.br](http://www.revistaadventista.com.br) 



24 de outubro

# Dia do Pastor



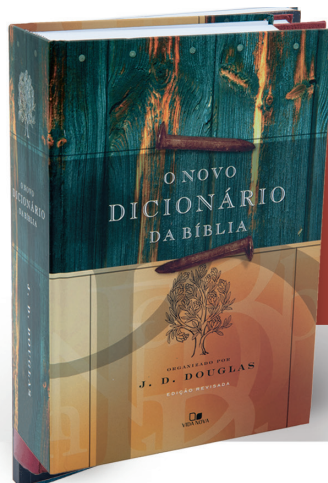
Ministério com Paixão





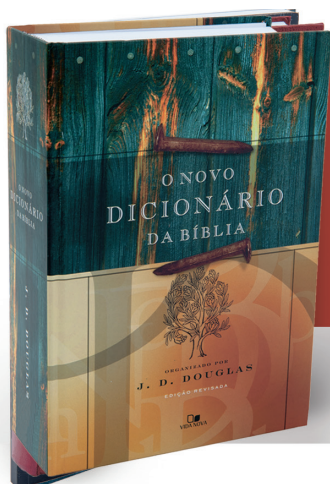
**EXPLOÇÃO Y: ADVENTISMO, PÓS-MODERNIDADE E GERAÇÕES EMERGENTES – Douglas Reis, Instituto Adventista Paranaense, Ivatuba, PR, tel.: (44) 3236-8801, e-mail: pr.douglasreis@gmail.com, 272 páginas.**

Autores evangélicos e adventistas têm se preocupado com as mudanças vistas nas gerações emergentes. Como alcançá-las com o evangelho eterno? Como manter a identidade bíblica e ainda assim ser relevantes no contexto pós-moderno? Este livro, escrito por autor adventista do sétimo dia, analisa essas questões e as responde com muita propriedade. Contendo exaustiva referência bibliográfica, tem servido de grande auxílio a pastores, líderes e universitários em sua busca por respostas para as indagações feitas nos tempos atuais.



**CONVITE À INTERPRETAÇÃO BÍBLICA – Andreas K. Köstenberger e Richard D. Patterson, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, www.vidanova.com.br; vidanova@vidanova.com.br, 795 páginas.**

Neste livro, os autores oferecem um manual que utiliza o método de interpretação bíblica denominado “tríade hermenêutica”, o qual acessa o texto bíblico pelos ângulos da História, da literatura e da teologia. A obra é estruturada para cobrir os passos da atividade interpretativa com vistas ao sermão. Ela se divide em preparação, interpretação e aplicação. É um adendo especial que oferece elementos fundamentais para que o leitor forme uma biblioteca básica que ajudará na arte da interpretação das Escrituras.



**CRIAÇÃO, EVOLUÇÃO E TEOLOGIA – Fernando Canale, Imprensa Universitária Adventista, Unasp, Engenheiro Coelho, SP, tel.: (19) 3858-9055, http://unaspress.unasp.edu.br, 130 páginas.**

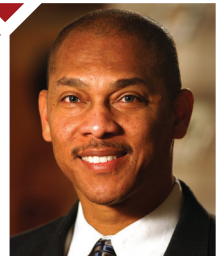
A teoria da evolução se tornou a explicação padrão para a história da vida, bem como o centro de uma nova cosmologia. A evolução acusa a história da criação de ser apenas um mito. Para evitar o conflito, muitos teólogos propõem formas de harmonizá-las. Porém, devemos perguntar: Essa relação é a única disponível? Precisamos escolher entre a fé e a ciência? A crença na criação implica necessariamente no sacrifício do intelecto? Este livro contém subsídios que ajudam a facilitar o debate sobre a origem da vida.



**VEJA NA INTERNET**

<https://www.andrews.edu/openjournal/index.php/aussj/index>

Este é o site de um jornal publicado, desde 2014, por estudantes e professores do programa doutoral do Seminário Teológico da Universidade Andrews. Nesse jornal, o pesquisador encontrará farto material nas áreas de Teologia Sistemática, Filosofia, Ética, Bíblia Hebraica, Estudos Judaicos, Novo Testamento, Arqueologia e Estudos Sobre o Antigo Oriente Próximo, História da Igreja, Teologia Aplicada, Missão e Educação Religiosa.



Cortezia do autor

# Liderança espiritual

**S**empre que apresento palestras sobre liderança, costumo pedir que os participantes digam o nome de três pessoas as quais eles consideram líderes, e por quê. Geralmente, as respostas giram em torno de qualidades que se manifestam em ações. Por exemplo, Moisés era um líder que delegava; Neemias um visionário e Martin Luther King Jr. um motivador.

Quando discutimos liderança, geralmente focalizamos as aparências. Porém, há outras qualidades que carregam em si um tom mais espiritual. De fato, a espiritualidade deve ser o fundamento da delegação, visão e motivação. Mas é possível alguém delegar, lançar uma visão e motivar, sem que seja espiritual.

O que diz a Bíblia sobre liderança espiritual? O que deve ser visto no líder espiritual?

## Autossacrifício

Sob a liderança de Arão, os filhos de Israel estavam adorando um bezerro de ouro. Naquele momento, pouco importava para eles quanto Moisés, ou seu líder maior, o próprio Deus, havia feito por eles. Insistiam em seguir sua própria agenda.

Deus falou a Moisés, dizendo: “Agora, pois, deixa-Me, para que se acenda contra eles o Meu furor, e Eu os consuma; e de ti farei uma grande nação” (Êx 32:10). Moisés suplicou que Deus não aniquilasse Seus escolhidos. Ele rogou a Deus: “Ora, o Teu povo cometeu grande pecado, fazendo para si um deus de ouro. Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-Te, do livro que escreveste” (v. 31, 32).

Deus procura líderes espirituais que coloquem os interesses do rebanho acima dos próprios interesses, pois Cristo nos deixou esse exemplo.

## Serviço

A mãe de Tiago e João pediu que Jesus colocasse seus dois filhos junto a Ele – tornando-os grandes no reino que todos esperavam que Ele estabelecesse.

Jesus contrapôs a ilusão dela à seguinte declaração: “Quem quiser tornar-se grande entre vós, seja esse o

que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir” (Mt 20:26-28).

Servo? Escravo? Não podia haver nada mais inferior na sociedade judaica. Porém, Jesus exemplificou Seu sistema de crenças quando, Ele derramou água em uma bacia e lavou os pés de Seus orgulhosos discípulos. “Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também... o servo não é maior do que seu senhor” (Jo 13:15, 16).

Deus procura líderes espirituais que considerem os outros antes de si mesmos, não vivendo para o eu, mas para abençoar outros.



**Deus busca líderes espirituais que se esvaziem de si mesmos e permitam que o Espírito Santo os encha com Sua presença e Seu poder, de modo que eles possam exaltar outros”**

## Humildade

Refletindo sobre a vida de Cristo, Paulo escreveu à igreja de Filipos: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a Si mesmo Se esvaziou... a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2:5-8).

A humildade é uma das qualidades mais raras entre líderes terrestres. Insolência, arrogância, vaidade e narcisismo parecem ser a ordem do dia. Mas o líder espiritual não pensa com superioridade acerca de si mesmo (Fp 2:3). Em vez disso, de boa vontade ele desaparece no segundo plano, erguendo outros ao pedestal que alguns consideram legitimamente pertencer ao líder.

O líder não mantém a humildade pensando em vantagens ou glória pessoal. De fato, a humildade levou Cristo à morte de cruz. Mas Deus nota a humildade do líder e o recompensará no tempo devido (Fp 2:9). Pode ser que a humanidade nunca o aplauda, mas isso não importa. O que importa é o que pensa o Líder celestial e aqueles por quem Ele morreu.

Deus busca líderes espirituais que se esvaziem de si mesmos e permitam que o Espírito Santo os encha com Sua presença e Seu poder, de modo que eles possam exaltar outros. **M**

VEN  
AÍ

# Cesta Básica Espiritual ..2016..

DE 21 DE SETEMBRO A 18 DE OUTUBRO

AGORA FICOU  
MAIS FÁCIL PARTICIPAR  
DA PROMOÇÃO!  
ENVIE UM SMS PARA O NÚMERO  
28908 COM A  
MENSAGEM CPBLIGA  
E ENTRAREMOS EM  
CONTATO COM VOCÊ.



ESCOLHA O MELHOR

PARA SUA DEVOÇÃO

0800-9790606 • WWW.CPB.COM.BR • CPB LIVRARIA